



Universidade Federal  
de São João del-Rei



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO JOÃO DEL-REI  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS: TEORIA LITERÁRIA E  
CRÍTICA DA CULTURA

**SHELY ADNA DAS GRAÇAS**

**FEMINISMO NEGRO E LITERATURA: PIONEIRISMO EM CAROLINA  
MARIA DE JESUS E CONSAGRAÇÃO EM CONCEIÇÃO EVARISTO**

São João del-Rei

2020



Universidade Federal  
de São João del-Rei



SHELY ADNA DAS GRAÇAS

**FEMINISMO NEGRO E LITERATURA: PIONEIRISMO EM CAROLINA  
MARIA DE JESUS E CONSAGRAÇÃO EM CONCEIÇÃO EVARISTO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade Federal de São João del-Rei, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Letras.

**Área de Concentração:** Teoria Literária e Crítica da Cultura

**Linha de Pesquisa:** Literatura e Memória Cultural

**Orientadora:** Prof. Dra. Maria Ângela Araújo Resende

São João del-Rei

2020

**SHELY ADNA DAS GRAÇAS**

**FEMINISMO NEGRO E LITERATURA: PIONEIRISMO EM CAROLINA  
MARIA DE JESUS E CONSAGRAÇÃO EM CONCEIÇÃO EVARISTO**

**BANCA EXAMINADORA**

---

Profa. Dra. Maria Ângela Araújo Rezende – UFSJ (Orientadora)

---

Profa. Dra. Andréa Portolomeos - Universidade Federal de Lavras – UFLA (membro  
externo)

---

Profa. Dra. Eliana da Conceição Tolentino – UFSJ (membro interno)

---

Prof. Dr. João Barreto da Fonseca – UFSJ (Suplente)

São João del-Rei

2020

## AGRADECIMENTOS

Às minhas ancestrais, faróis de minha jornada.

À Dona Ana Maria, minha mãe, por ser a raiz forte que me sustenta.

Às minhas irmãs Shirley e Sheila por serem torcedoras incondicionais e amor e luz nos meus dias.

Às minhas sobrinhas, Júlia e Larissa por me inspirarem na pesquisa e na vida.

Ao meu companheiro e grande amor Clenildo, por ser um incentivador incansável e calmária nos meus momentos de ansiedade.

Aos amigos que torceram por mim em especial aos meus chatos e amados Natali Campos, Renan Mercês e Taimara Santos, cuja amizade nascida no curso de Letras o universo vem se encarregando de eternizar.

Ao meu revisor e amigo Roger, por nutrir a afinidade que trazemos da licenciatura para a vida e por se dedicar com carinho e profissionalismo a este trabalho.

Gratidão especial à orientadora Maria Ângela Araújo que tem afeto incorporado em seus sentidos e que pacientemente acolheu minhas ideias, respeitou minha autonomia, confiou e incentivou minha pesquisa. Sempre atenta ao quanto o tema significa para mim, e por ser este exemplo de força e coragem.

Agradeço à Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ) e aos meus professores, pela estrutura acadêmica e acompanhamento cruciais em prol do meu desenvolvimento. Em especial, agradeço à professora Eliana Tolentino, cujas palavras de incentivo serviram de fermento para minha escrita.

## Os Feijões

*Carolina Maria de Jesus*

*Será que entre os feijões  
Existem o preconceito  
Será que o feijão branco,  
Não gosta do feijão prêto?  
Será que o feijão preto é revoltado?  
Com seu predomnador  
Precebe que é subjulgado  
O feijão branco será um ditador.*

*Será que existem rivalidades?  
Cada um no seu lugar  
O feijão branco é da alta sociedade.  
Na sua casa o feijão preto não pode entrar  
Será que existem desigualdades  
Que deixa o feijão preto lamentar  
Nas grandes universidades  
O feijão preto não pode ingressar  
Será que existem as seleções  
Prêto pra cá e branco pra lá  
E nas grandes reuniões  
O feijão prêto é vedado entrar?  
Crêio que no núcleo dos feijões  
Não existem as segregações.*

## RESUMO

Carolina Maria de Jesus (1914-1977) foi uma escritora negra, mineira que ficou conhecida por publicar o livro *Quarto de Despejo: diário de uma favelada* (1960) que se tornou um best-seller e foi publicado em mais de 40 países. Conceição Evaristo (1946) é também mineira e negra e dentre os nove livros publicados até hoje, está o romance *Becos da memória* (2006). Tendo como referência a afirmação de que a arte é política e observando como os processos históricos de formação do Brasil pós-colonial afetam as mulheres negras, esta pesquisa tem por objetivo investigar vida e obra de Carolina Maria de Jesus, apontando pelos traços e rastros de sua escrita autoficcional a incidência no fato de que a autora constitui a base pioneira para o feminismo negro na literatura brasileira e sendo assim exerce influência sobre outras escritoras negras na contemporaneidade, de tal maneira que Conceição Evaristo surge na pesquisa como elo antagônico e representativo dos ideais de Carolina Maria de Jesus. Também interessou - se identificar as relações sociais do espaço periférico na literatura feminina negra brasileira e demonstrar em que medida ela funciona, para estas autoras, como um instrumento de reinvenção e transformação histórico social na contemporaneidade.

**PALAVRAS-CHAVE:** Feminismo negro, Carolina Maria de Jesus, Autoficção; Conceição Evaristo.

## ABSTRACT

Carolina Maria de Jesus (1914-1977) was a black writer, from Minas Gerais (Brazil), who became known for publishing the book *Quarto de Despejo: diário de uma favelada* (1960) that became a best-seller and was published in more than 40 countries. Conceição Evaristo (1946) is also from Minas Gerais and a black writer, and among the nine books published to date, there is the novel *Becos da Memória* (2006). Taking as a reference the affirmation that art is political and observing how the historical formation processes of post-colonial Brazil affect black women, this research aims to investigate the life and work of Carolina Maria de Jesus, pointing out the traces and traces of her self-fictional writing has an impact on the fact that the author constitutes the pioneering basis for black feminism in Brazilian literature and thus influences other black writers in contemporary times, in such a way that Conceição Evaristo appears in research as an antagonistic and representative link of ideals by Carolina Maria de Jesus. It was also interested in identifying the social relations of the peripheral space in Brazilian black female literature and demonstrating to what extent it works, for these authors, as an instrument of reinvention and social historical transformation in contemporary times.

Keywords: Black feminism; Carolina Maria de Jesus; Autofiction; Conceição Evaristo.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b>	<b>09</b>
<b>1. MULHER NEGRA, O OUTRO DO OUTRO</b>	<b>16</b>
1.1 Arte política e a representação da mulher negra	16
1.2 A representatividade e o lugar de fala	24
1.3 A descoberta da negritude	29
1.3.1 A solidão da mulher negra	32
<b>2. SORORIDADE E DORORIDADE: PERSPECTIVAS EM ESCRITAS DE SI</b>	<b>35</b>
2.1. Perspectivas feministas e alteridades literárias	35
2.2 Feminismo negro e o pioneirismo de Carolina Maria de Jesus	44
2.3 Literatura e espaços de resistência	49
<b>3. POR QUE ESCREVER COMO UMA MULHER NEGRA</b>	<b>60</b>
3.1 Ancestralidade e Escrivivência	60
3.2 Interseccionalidade e literatura	68
3.3 A recepção transformadora	74
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>81</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b>	<b>83</b>
Referências Citadas	83
Referências consultadas	86



## INTRODUÇÃO

Quando ainda no Ensino Médio no final dos anos 1990, percebi que a literatura tinha mais a oferecer do que unicamente uma distração ou lazer, as leituras sempre se fizeram frequentes em minha formação intelectual, e sempre me impressionou perceber a maneira como a ficção ensina e modifica no leitor os modos de ver e sentir o mundo. Mas foi somente em 2013, ao ingressar no Curso de Letras, que descobri que a arte literária também poderia ser política uma vez que ao aprender mais sobre a relevância do contexto histórico para interpretação de um texto, sobre às múltiplas perspectivas apresentadas pelo narrador, as possibilidades de entendimento e sentido se multiplicaram.

Também foi no Curso de Letras que tive o meu primeiro contato com autoras negras. É importante ressaltar que mesmo como leitora assídua não havia tido a oportunidade de experienciá-las até estar inscrita na disciplina ministrada pela professora Eliana Tolentino “Literatura Africana de Língua Portuguesa” que apresentou Chimamanda Ngozie Adiche (1977), escritora nigeriana que me trouxe muito mais do que eu sabia sobre a importância do feminismo. A disciplina me apresentou também a escritora brasileira Conceição Evaristo (1946), já bem conhecida na contemporaneidade, tornou-se uma das minhas escritoras brasileiras preferidas.

Nasceu então o interesse de conhecer mais escritoras negras e de perceber o que poderia estar sendo dito por elas através da ficção. Percebi a literatura negro brasileira<sup>1</sup> de autoria feminina como ato de resistência, os assuntos diversos com panorama sociocultural me atravessaram biograficamente e são destas premissas que nasce essa pesquisa.

Carolina Maria de Jesus (1914-1977) foi uma escritora mineira negra, que ficou conhecida por publicar seu próprio diário, o *Quarto de Despejo*: diário de uma favelada (1960) ficou internacionalmente conhecido na época, tornando-se um fenômeno de vendas. Porém, apesar de ser incansavelmente estudada no exterior, Carolina caiu em esquecimento no próprio país antes mesmo de sua morte, em 1977. Por ser de origem extremamente humilde e tendo estudado apenas até o segundo ano do ensino primário, além do racismo, é claro, fazem com que a obra de Carolina seja colocada em questionamento constante pela crítica brasileira. Em virtude deste desprezo sócio-

---

<sup>1</sup> O termo “negro brasileira”, que será adotado nessa pesquisa, foi proposto por Cuti, em 2010, e visa conceituar os textos de escritores e escritoras negras brasileiras.

histórico-cultural, a obra literária de Carolina Maria de Jesus permanece desconhecida por grande parte dos brasileiros.

Importante ressaltar, por outro lado, que desde 2014, ano de seu centenário de nascimento, seus escritos vêm sendo cada vez mais objeto de artigos, dissertações e teses, parte em função da abertura acadêmica propiciada pela Lei de cotas nº 12.711, de 29 de agosto de 2012. A título de informação, esta lei possibilita a entrada de estudantes de escolas públicas, de baixa renda, negros, pardos e indígenas em universidades garantindo-lhes o acesso ao ensino superior. Acrescenta-se na esteira dessa política pública a Lei nº 10.639 – atualizada para Lei 11.645, de 10 de março de 2008 – que torna obrigatório o ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena, somado a isso as atualizações dos estudos literários, crítica e teoria as qual vem evidenciando as escritas de si.

É essencial dizer que o livro *Quarto de Desejo: o diário de uma favelada* (1960) é um rico testemunho de uma época, mas não só isso, ademais pode ser entendido como um múltiplo instrumento de conhecimento. A escritora oferece denúncia ao mesmo tempo em que, de maneira intensa, retrata miséria e descaso social. Dado que por diversas passagens Carolina reflete sobre o comportamento dos moradores da favela de forma crítica e preocupada. E é neste exercício diário que, mesmo sem uma leitura acadêmica ou teórica de assuntos que emergem de sua obra, elabora grandiosamente uma análise do seu presente, no qual vive, enquanto se volta ao passado de escravidão, que deu origem a toda situação marginal que presencia.

Fundamental apontar a atualidade e saberes multifacetados nos relatos da escritora propiciados pela própria vivência. É possível identificar um caráter revolucionário na forma como a escritora entende e vê o mundo a partir dos contextos históricos vivenciados por ela desde a infância, gerando nela umas práxis feministas espontânea e visceral, que por outro lado também pode ser visto como uma necessidade de sobreviver e se fazer existir.

Conceição Evaristo é também negra, viveu a infância em uma favela da capital mineira. Entre os nove irmãos, ela obteve oportunidade de estudar, conciliando com o emprego de empregada doméstica. Licenciou-se em Letras pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), mestre em Literatura Brasileira pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio) e doutora pela Universidade Federal Fluminense (UFF). Em 1990, passou a publicar poemas e contos na série *Cadernos Negros*, estreando a sua presença no campo da Literatura. Atualmente, possui sete livros publicados, além

de inúmeras participações em antologias e publicações de cunho acadêmico como ensaios e artigos.

Dentre os três romances publicados por Evaristo, está *Becos da Memória* (2006) que, com linguagem realista e poética, trata dos dramas e vivências de uma comunidade favelada em processo de remoção. A ficção é enriquecida por uma série de simbolismos, principalmente envolvendo as mulheres negras moradoras do local. Nas palavras de Eduardo de Assis Duarte<sup>2</sup> (UFMG), o texto “apresenta uma narrativa descontínua, com vários perfis rarefeitos que, reunidos em coletividade, ganham amplitude e apontam para as condições históricas de sua existência”<sup>3</sup>. Essa coletividade de perfis rarefeitos criados pela autora emerge de sua própria vivência, extrapolando a ficção e abrangendo um coletivo nacional.

Refletindo tais aspectos na escrita de Carolina Maria de Jesus e de Conceição Evaristo, e nas bases teórico-práticas do feminismo e do feminismo negro, este trabalho emerge em busca de abordar, apontar e de demonstrar de que maneira os atos de escrita destas autoras negras brasileiras podem ser considerados atos de resistência, ativismo e empoderamento de negros brasileiros, em especial das mulheres negras. Nesse sentido, fortalecendo os ideais político-sociais do feminismo negro.

Diante da herança do passado escravocrata brasileiro que diminuiu as oportunidades de inserção do grupo étnico afrodescendente na sociedade, colocando-os em situação de subalternidade seja social ou economicamente, é necessário pensar a situação da mulher negra neste contexto. Assim, o esforço deste presente trabalho constitui o exercício da compreensão de algumas problemáticas que são apontadas por filósofos e pensadores das diversas áreas das ciências sociais nos diferentes processos de construção do Brasil, sobretudo quando a literatura está a serviço de um processo formador de conhecimento.

Feminismo negro é um movimento social protagonizado por mulheres negras, com o objetivo de promover e trazer visibilidade às suas subjetividades e pela reivindicação da igualdade de direitos. Segundo Jarid Arraes<sup>4</sup> em artigo intitulado “Feminismo negro: sobre minorias dentro da minoria”, o movimento negro teve início no

---

<sup>2</sup> CV: <http://lattes.cnpq.br/4231604049505722>. O professor voluntário Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais (FALE – UFMG), foi responsável pelo texto de apresentação da orelha do livro na edição 2013 de *Becos da Memória* pela Editora Mulheres.

<sup>3</sup> Orelha do livro segunda edição de *Becos da Memória* (2013) editora Mulheres.

<sup>4</sup> Jarid Arraes é mulher negra, escritora, cordelista e poeta brasileira. Colaboradora do blog Blogueira Feministas e do blog Blogueiras Negras. Também é colunista da Revista Fórum. Possui três livros publicados e inúmeros cordéis com temáticas socioeducativas.

Brasil, em 1970, a partir das demandas de ativistas negras contra o sexismo presente no interior do movimento negro e do racismo presente na então segunda onda do feminismo (2014, p. 1).

De acordo com a interpretação do artigo<sup>5</sup> da professora de filosofia da New School for Social Research de Nova York, Cinzia Arruzza, feminismo negro é uma vertente de feminismo marxista de fundo epistêmico, ou seja, possui perspectivas baseadas em localizações distintas de sujeitos políticos. Ele emerge da união de mulheres que vieram de uma mesma origem ou local, com experiências específicas, a fim de que possam debater uma melhor leitura da realidade e das estruturas que regem uma sociedade a fim de causar transformações necessárias dentro e fora destes locais.

Contudo, ao ser possível resgatar o sentido do que significa ser feminista, como fez Luiza Bairros em artigo “Nossos feminismos revisitados”, integramos uma práxis feminista inerente a mulheres negras, a ativista considera como contribuição intelectual ao feminismo não apenas o “conhecimento externado por mulheres reconhecidas no mundo acadêmico mas principalmente aquele produzido por mulheres que pensaram suas experiências diárias” como mães, professoras, líderes comunitárias, escritoras empregadas domésticas, militantes pela abolição da escravidão e pelos direitos civis, cantoras e compositoras de música popular (BAIROS, p.259, 1995).

Deste modo, nesta pesquisa busco priorizar o movimento do feminismo negro dentro da literatura brasileira, tratando de expor o enfrentamento exercido pelas autoras negras brasileiras intra e extratextos, ligando a trajetória de Carolina Maria de Jesus as suas sucessoras, sobretudo Conceição Evaristo, que se aproxima ainda mais de Carolina ao publicar um testemunho, ainda que de cunho ficcional, sobre vidas das periferias, propondo uma mediação literária através dela, observando que suas temáticas reverberam em escritoras contemporâneas quando estas acolhem no fazer literário um encadeamento discursivo que vai além do ficcional.

As obras de Conceição Evaristo e Carolina Maria de Jesus têm sido alvo de muitas pesquisas e resultado inúmeros estudos e artigos. Nessa perspectiva, minha contribuição visa situar Carolina Maria de Jesus como pioneira de um feminismo negro na literatura brasileira em sintonia direta de sua obra com sua biografia, bem como criar uma mediação

---

<sup>5</sup> ARRUIZZ, Cinzia. Funcionalista, determinista e reducionista: o feminismo da reprodução social e seus críticos. <Disponível em: <https://www.ifch.unicamp.br/ojs/index.php/cemarx/article/view/2937>>

entre estas duas autoras e suas obras, visto que Evaristo tem sua inspiração declarada em Carolina.

A literatura atua como um veículo pelo qual escritoras negras podem expressar suas vivências, funcionando assim como uma ferramenta política e colaborativa em potencial por permitir representar aquelas cuja História marginalizou, excluiu ou apagou, rompendo com a ideia de não existência ou de existências estereotipadas. A linguagem fornece meios pelos quais é possível repensar comportamentos e reeducar pensamentos nas ordens social, cultural e racial.

Este trabalho corrobora com a pesquisa da intelectual negra Miriam Cristina dos Santos e com sua tese de doutorado publicada pela editora Malê, *Intelectuais Negras, prosa negro-brasileira contemporânea* (2018), no qual essencialmente propõe a discussão em torno da escrita feminina negra brasileira em prosa e o papel dessas mulheres escritoras que, com sua literatura, visam incentivar e contribuir com o processo de transformação da sociedade.

Também encontro fortalecimento na pesquisa de Raffaella Fernandez cuja obra *A poética de resíduos de Carolina Maria de Jesus*(2018) nasceu de sua dissertação de mestrado e procura redirecionar a forma como a escritora vinha sendo estudada. Atualmente, a intelectual integra a equipe que busca reunir as obras de Carolina para apreciação pública.

A escolha teórica priorizada centra-se nos pensadores das ciências sociais, filósofos negros e não negros na tentativa de pensar as problemáticas de afrodescendentes no Brasil e as premissas das quais se cunham a escrita das escritoras periféricas já citadas, dentre outras que surgirão no exercício da reflexão. Este recorte teórico surgiu da necessidade de se pensar as temáticas das escritoras negras nas diversas dimensões em relação ao racismo, sexismo e desigualdades no Brasil. Com isso, o processo se realizará principalmente pela visão da teoria feminista e da teoria feminista negra a fim de demonstrar possibilidades de leituras crítica, cultural e estética das obras de autoria de mulheres negras brasileiras.

Para trilhar o caminho proposto, em função das investigações decorrentes das problemáticas apresentadas, foi feita uma pesquisa bibliográfica, que serve como ferramenta teórica para a análise do material literário. O trabalho pretende entender como as autoras negras utilizam-se do ato da escrita para desencadear um processo descontínuo de quebra de paradigmas e estereótipos que existem socioeconômico e culturalmente sobre o corpo da mulher negra pela perspectiva histórica e antropológica, ressaltando as

alteridades decorrentes dos encontros culturais na nação brasileira. Para isso, serão abordados teóricos como: Lilia Schwarcz (2015) contribuirá com a visão histórica brasileira sob o regime de economia patriarcal; Stuart Hall (2003) e Homi K. Bhabha contribuindo para o entendimento no processo de formação cultural e de identidade pós-coloniais; conceitos sobre o feminino e formação do olhar da mulher e sobre a mulher será norteados por Simone de Beauvoir (1949) e Virginia Wolf (1929); sobre a formação do feminismo no Brasil, a contribuição será dada por compilações organizadas Heloísa Buarque de Holanda (2018 e 1994) e Maria Amélia de Almeida Teles (1993); Cuti (2010) irá dispor sobre a inserção da literatura negro brasileira; Ângela Davis (1981) e Judith Butler (1990) ajudarão a compreender as problematizações de gênero, raça e classe pelo viés feminista e feminista negro; bell hooks (2015) e Sueli Carneiro (2003) nortearão os ideários do feminismo negro e seus conceitos e na identificação das alteridades da mulher negra; Djamila Ribeiro (2017) e Gayatri Spivak (2010) cercearão as discussões sobre a subalternidade e o lugar de fala; Vilma Piedade (2017) e Carla Akotirene (2018) contribuem no entendimento de novos conceitos como dororidade e interseccionalidade dentro do movimento feminista negro brasileiro. Essas teorias estarão em diálogo com a obra autoficcional de Conceição Evaristo, a saber *Becos da Memória* (2003) e com a obra autobiográfica de Carolina Maria de Jesus, a saber *Quarto de Despejo: diário de uma favelada* (1960).

Este trabalho será estruturado em três capítulos. Nomeado *Mulher Negra: o outro do outro*, o primeiro capítulo realiza um panorama da construção da mulher negra enquanto sujeito social no Brasil, abordando a constituição da arte como política, e como a mulher negra se inseriu neste quadro ao longo das épocas. O presente estudo procura ressaltar os diversos processos de apagamentos, generalizações, estereótipos que foram criados e veiculados por meio da história e das construções literárias.

Intitulado *Sororidade e Dororiedade: perspectivas em escritas de si*, o segundo capítulo aborda como esses dois conceitos do feminismo afetam ou não as narrativas de Carolina Maria de Jesus, a saber os relatos autobiográficos *Quarto de Despejo: diário de uma favelada* (1960), *Diário de Bitita* (1982), *Casa de Alvenaria: diário de uma ex-favelada* (1961), pois acredito que essa interlocução orientada pela teoria feminista coloca Carolina com mediadora da criação literária feminista negra brasileira.

No terceiro capítulo *Por que escrever como uma mulher negra?* tendo como mote o romance de Conceição Evaristo, *Becos da Memória* (2003) reflito como é possível pensar a sociedade através da literatura negra feminista da autora e de sua precursora

Carolina Maria de Jesus, além do alcance dessa bibliografia em seus leitores. Doravante será feita uma abordagem contemporânea e teórica sobre a escrita feminista negra brasileira, estabelecendo uma revisão do papel intelectual destas mulheres negras como autoras e como criadoras de epistemologias associando aspectos da recepção de seus textos bem como o viés interseccional e transformador desta literatura.

# 1. MULHER NEGRA, O OUTRO DO OUTRO

## 1.1 Arte política e a representação da mulher negra

Qualquer expressão artística parte de um sujeito ancorado em suas vicissitudes. A arte sempre se modela por uma filosofia, uma forma de pensamento ou uma ideologia. Admitimos que a arte é a expressão cultural de um povo, pois as diversas formas de arte existentes podem remeter às demandas sociais, à cultura, ao livre pensamento, à história e até a protestos. Sendo assim, é natural concluirmos que a arte é política. A reprodução de uma arte através da música, do teatro, das artes plásticas, do cinema, da literatura e da poesia retratam tanto o cotidiano, ou situações que poderíamos julgar como corriqueiras quanto ideológicas, relações sociais e políticas.

A pintura, dança, teatro, música e literatura, de fato, reproduzem pensamentos, sentimentos, ideias, no entanto na conjuntura em que se forma a cultura brasileira, em seus primórdios, deixa um pouco a desejar no que diz respeito à originalidade, uma vez que o consumo cultural até o século XX, em virtude do caráter colonizador na formação brasileira sofreu fortes influências internacionais, principalmente europeia.

Um importante marco cultural da história do Brasil ocorreu em 1922 quando artistas vanguardistas da cidade de São Paulo reuniram-se no esforço de propor uma arte genuinamente brasileira. Embora tenha sido um movimento burguês, os trabalhos apresentados buscavam romper com conservadorismos presentes nas manifestações culturais anteriores. Ainda assim, a esmagadora maioria das apresentações ocorridas nas três noites da Semana da Arte Moderna deixou grande parte do público insatisfeito, já que os consumidores de arte se faziam de abastados conservadores. Ocorrida em fevereiro de 1922, este evento modernista se inscreveu numa época cheia de turbulências de ordem social e política, em que a República Velha (1898-1930) e as organizações oligárquicas do café com leite vinham perdendo forças. Tanto que a grande mídia reagiu de forma negativa ao movimento modernista, taxando-os como “subversivos da arte”<sup>6</sup>.

---

<sup>6</sup> SEMANA de Arte Moderna (1922: São Paulo, SP). In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras. São Paulo: Itaú Cultural, 2019. Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/evento84382/semana-de-arte-moderna-1922-sao-paulo-sp>>. Acesso em: 04 de março 2019. Verbete da Enciclopédia. ISBN: 978-85-7979-060-7



Com o passar do tempo, a Semana de 22 ganhou reconhecimento histórico, e os artistas foram apontados como reais vanguardistas do modernismo no Brasil. Segundo Jorge Schwartz, professor de literatura na Universidade de São Paulo (USP), em palestra na Sala Itaú Cultural (2004), havia certa ausência de uma ideologia comum ou uma expressão unânime entre os artistas e as obras que movimentaram a semana ou algo como uma “estética radical do modernismo”, mas para o professor, no entanto, é importante reconhecer que o evento configura um fato cultural fundamental para se compreender o desenvolvimento da arte no Brasil.

O Modernismo se caracterizou em três principais fases, a saber: a fase de formação cujo marco foi a Semana de 22, ficando conhecida como “Fase Heroica”, período de renovações e reestruturações marcado pelo Movimento Antropófago e outros movimentos agrupados por ideais, teve como destaques marcantes Mário de Andrade (1850-1954) e Oswald de Andrade (1893-1945). A fase de consolidação tem como principal característica o amadurecimento, as obras deste período resgatam uma identidade nacional através da exploração de temas nacionalistas e regionalistas, Jorge Amado (1912-2001), Graciliano Ramos (1892-1953), Raquel de Queiroz (1902-2003) são alguns dos destaques deste momento e ficaram conhecidos como “Geração de 30”.

Alfredo Bosi, em o *Modernismo no Brasil depois de 30* (1969) destaca que somos contemporâneos de uma realidade cultural que se estruturou depois de 1930. Apesar de reconhecer que existe um estilo de pensar e de escrever anterior e outro posterior aos autores do pré-modernismo, citando como exemplo Mário e Oswald de Andrade e Manuel Bandeira, ressalta que o sistema cultural posterior aos anos 30 trouxe preciosos ensinamentos aos intelectuais brasileiros e verdadeira renovação no sentido de mostrar que o ofício de escritor é, antes de mais nada, uma “atitude interessada diante da vida contemporânea, algo que já era idealizado pelos primeiros modernistas”(p.31).

Sobre este momento de renovação cultural, Antônio Candido em seu ensaio “A Revolução de 30 e a cultura<sup>7</sup>” escreveu que “quem viveu os anos 30 sabe qual foi a atmosfera de fervor que os caracterizou no plano da cultura, sem falar dos outros”, referindo-se aos intelectuais do período que, de fato, ofereceram um novo panorama para literatura brasileira ao pensar novas formas narrativas da realidade e do cotidiano. Os escritores deste período literário conhecido também como “romance de 30” traziam na

---

<sup>7</sup> CANDIDO, Antônio. A Revolução de 30 e a cultura. In: Revista Novos Estudos, v.2,4, p.27, abril 84, São Paulo-SP.

escrita forte apelo político social e por conta disso ressoaram no momento governamental vigente, o getulista, em suas diversas fases. Os anos trinta foram o momento em que ideologia, política e literatura começaram a caminhar juntos no âmbito cultural brasileiro.

A terceira fase do modernismo é por muitos denominada como “pós modernista”, e define a amplitude cultural dos dias atuais uma vez que predomina a diversidade da escrita literária que passa a ter tons intimistas, urbanos, regionalistas, políticos e denunciativos. A partir daí outras formas de manifestações também se enveredam para o político social como tema.

Outro exemplo de manifestação cultural de apelo político que configura importante marco cultural no Brasil se deu anos mais tarde com o movimento Tropicalista, na década de 60, que sob a forte influência do concretismo e das manifestações modernistas buscava uma nova identidade para a cultura brasileira na perspectiva de uma experiência mais aberta da arte. O movimento manifestou-se principalmente na música cujos maiores representantes são Caetano Veloso, Gilberto Gil, Torquato Neto e outros; foi influenciado externamente pela cultura pop que se encontrava em ascensão no mundo todo principalmente nos Estados Unidos, e internamente pelos acontecimentos sociopolíticos da ditadura civil-militar, os artistas procuravam tratar a poesia das canções como um elemento plástico na criação de jogos linguísticos e brincadeiras com palavras (SCHWARCZ, 2018).

O engajamento dos artistas na luta contra o sistema ditatorial instaurado, contribuiu para que o movimento fosse bastante perseguido e censurado pelos militares e o movimento teve fim em 1969 com a prisão e posterior exílio de Caetano Veloso e Gilberto Gil.

Ao traçar este resumo cronológico das movimentações mais importantes de cunho político cultural e literária no Brasil, o que se pretende até aqui é exemplificar a característica engajadora e sociopolítica da arte e em contrapartida salientar que os sujeitos por trás de todas estas manifestações são em sua esmagadora maioria homens brancos e de classe média alta o que irá criar o antagonismo necessário ao presente estudo.

Se as manifestações artísticas eram produzidas pela classe média, o público consumidor também era a classe média, e os assuntos e temáticas em grande parte deveriam agradar àqueles que a consumiriam. De tal forma que verificamos que ficam de fora da produção e do consumo cultural no Brasil, mulheres e homens não brancos e pobres que por não terem acesso por ela pouco ou nunca se interessam.

É importante relacionar essa ausência de maior abrangência na produção cultural brasileira ao fato de que ela é inspirada em ideias e ideais externos ao país, ora prevalecia o eurocentrismo, ora a moda americana descaracterizando assim uma formação genuinamente brasileira que viria a surgir aos poucos. E também ao fato de que o modelo colonial e escravocrata que vigorou no país até o fim do século XIX deixou como herança extremas desigualdades de cunho econômico e social de difícil superação, e que na verdade fomentam preconceitos até hoje, séculos mais tarde.

Mas se a literatura vinha se transformando ao longo do século XX em um veículo de produção ativa de consciência crítica social, os autores e intelectuais buscaram incansavelmente alcançar formas de produzir um retrato nacional brasileiro, mesmo que por trás deste retrato não houvessem as subjetividades e as experiências dos sujeitos, verdadeiramente manifestadas. Assim, mulheres, não brancos (negros, indígenas e mestiços) e pobres começaram a ser retratados nos mais diversos meios de produção cultural.

Neste ponto se forma o antagonismo central que será discutido ao longo deste trabalho, a representação da mulher negra na literatura brasileira.

Para as mulheres, negras ou brancas, a literatura foi por muito tempo espaço de exclusão e muitas vezes de negação de sua participação. Essas mulheres eram restritas aos espaços domésticos ou religiosos, ou seja, os espaços privados, tornando essas mesmas mulheres vítimas de uma sociedade patriarcal e sexista, enquanto os homens eram quem dominavam os espaços públicos, incluindo o da literatura. O sexo feminino teve seus discursos negados e rejeitados à inclusão no cânone por muitos anos. Para as mulheres negras ou brancas, restava ser representadas.

Dessa maneira, a primeira problemática a ser levantada nesta pesquisa corresponde ao imaginário social sobre a mulher negra na sociedade, especialmente sobre a construção do senso comum brasileiro herdado das teorias racialistas e segregacionistas que se estruturaram no decorrer da segunda metade do século XIX (ORTIZ, 2006). Segundo o advogado Silvio Almeida (2018), nas reflexões sobre racismo e política em seu estudo de leis que contribuíram para solidificação do racismo estrutural no Brasil, as teorias ancoradas na ciência, como a propagação da *eugenia de raça*<sup>8</sup> tentavam justificar as diferenças entre os grupos humanos, criando abismos irretocáveis à medida que

---

<sup>8</sup> Termo criado em 1883 pelo cientista Francis Galton (1822-1911), a eugenia defende que raças superiores e melhores estirpes conseguem prevalecer de maneira mais adequada ao ambiente.

traçavam a hierarquia racial. Essas leis veiculavam na colônia e pós-colônia naturalizando a inferioridade dos descendentes de africanos escravizados em nosso território, abrindo assim muitos falsos conceitos e estereótipos criados pelos padrões dominantes, sendo os principais como a má índole e má conduta causadoras de perseguições e uma das causas para o encarceramento em massa da população negra.

Para as mulheres negras veiculavam associações de ideias referentes a aparência e estética como a de que o cabelo é duro, feio e ruim, a ideia da pouca higiene por ter partes do corpo biologicamente mais escuras que outras e o lugar de subalternidade em relações aos homens brancos e não brancos e mulheres brancas. O lugar sócio econômico dessas mulheres viria a fixar-se como o de mãe-preta, ou seja, aquela que cuida dos filhos e também das casas dos patrões em detrimento de seus próprios; o da faxineira, e da mulata sensual, hiperssexualizada que muitas vezes serviu para iniciar sexualmente os jovens brancos sem ser digna de qualquer comprometimento.

A representação da mulher negra na literatura brasileira seguiu à risca a construção cunhada pela estrutura da sociedade, afinal um projeto de construção de conceito de nação sempre esteve como um dos objetivos principais nas movimentações intelectuais e culturais brasileiras. De tal maneira que as representações da mulher negra na literatura canônica nacional estão em sua maioria baseadas nas ideologias estruturais do racismo e no passado colonial escravocrata. E se este cânone é dominado pelo homem branco e de classe média como citado anteriormente, é dado aí uma visão no mínimo problemática em virtude de ter embasamento raso e impreciso e invisibilizado da realidade.

Em *O Perigo de uma história única*, a escritora nigeriana Chimamanda Ngozie Adiche afirma que na mesma proporção em que as histórias foram usadas para caluniar, elas também podem ser usadas para empoderar e humanizar. Contar histórias faz parte do processo de crescimento e desenvolvimento de um coletivo, um país ou os povos desta nação. As histórias, segundo a nigeriana, “elas podem despedaçar a dignidade de um povo, mas também podem reparar essa dignidade despedaçada” (ADICHE, 2019, p. 35). E o resgate de uma dignidade despedaçada é que vimos ser realizado nas histórias contadas pelas escritoras pesquisadas.

O ensaio intitulado “Da representação a auto representação da Mulher negra na literatura brasileira”<sup>9</sup> de autoria de Conceição Evaristo traz a perspectiva da autora acerca da expressão literária da mulher negra ao longo de várias épocas. Evaristo pesquisa profundamente esses apontamentos e inicia a análise dessa representação na era colonial quando o poeta Gregório de Matos expressava seu escárnio à sociedade colonial, no entanto em alguns de seus versos destilou racismo acerca da aparência das mulheres afrodescendentes. Uma interessante observação da autora, inclusive, rememora ao fato de que a literatura brasileira esteriliza essas mulheres tirando delas a possibilidade de serem mães ou chefes de família. Também não se encontram estas mulheres retratadas como heroínas, quando muito em *A Escrava Isaura* (1875) de Bernardo Guimarães, por exemplo, no qual se enaltece a mestiçagem da sua protagonista condecorando sua beleza em detrimento da pouca herança africana em seus traços ao passo que aplica um valor menor e inferior a outras personagens do romance que também são escravizadas, porém negras.

O romance oitocentista de Aloísio Azevedo, *O Cortiço* (1890), tem grande importância para Literatura Brasileira. O enredo naturalista do autor foi o primeiro a denunciar as mazelas sofridas pelo subúrbio brasileiro. Azevedo, no entanto, não deixou de reforçar a ideia de erotização dos corpos negros de mulheres, em especial quando constrói em Rita Baiana nada mais que a sensualidade e malícia, fantasiando o efeito destruidor de lar sugerido socialmente a mulatas desde antes da abolição; ou ainda quando cria a negra Bertoleza, fugida de “seu senhor” e a faz encontrar um companheiro branco, colocando-o como salvador quando, no entanto, a fará trabalhar de sol a sol e a tratará com o mesmo desdém e animalidade quanto eram tratados os negros na escravidão até levá-la ao suicídio.

Diante dessas narrativas ao pensar o contexto geral para tais representações que se repetem e perpetuam trago à tona o pensamento de Sueli Carneiro que analisa raça e classe como pontos cruciais para se entender o papel imposto à mulher negra no Brasil. Segundo a filósofa:

[...] mulheres negras fazem mulheres negras, fazemos parte de um contingente de mulheres, provavelmente majoritário, que nunca reconheceram em si

---

<sup>9</sup> EVARISTO, Conceição. Da representação a autorrepresentação da mulher negra na literatura brasileira. Revista Palmares: Cultura Afro-brasileira, ano 1, n1, ago.2005, p52-57. Disponível em: <file:///C:/Users/ShelyAdna/Documents/DISSERTA%C3%87%C3%83O/Da%20representa%C3%A7%C3%A3o%20a%20auto%20apresenta%C3%A7%C3%A3o.pdf>. Acesso em 5 de março de 2019.

mesmas esse mito, porque nunca fomos tratadas como frágeis. Fazemos parte de um contingente de mulheres que trabalharam durante séculos como escravas nas lavouras ou nas ruas, como vendedoras, quituteiras, prostitutas... Mulheres que não entenderam nada quando as feministas disseram que as mulheres deveriam ganhar as ruas e trabalhar! Fazemos parte de um contingente de mulheres com identidade de objeto. Ontem, a serviço de frágeis sinhozinhos e de senhores de engenho tarados. São suficientemente conhecidas as condições históricas nas Américas que construíram a relação de coisificação dos negros em geral e das mulheres negras em particular. Sabemos, também, que em todo esse contexto de conquista e dominação, a apropriação social das mulheres do grupo derrotado é um dos momentos emblemáticos de afirmação de superioridade do vencedor. Hoje, empregadas domésticas de mulheres liberadas e dondocas, ou de mulatas tipo exportação[...] as mulheres negras fazem parte de um contingente de mulheres que não são rainhas de nada, que são retratadas como antimusas da sociedade brasileira, porque o modelo estético de mulher é a mulher branca[...] quando falamos que a mulher é um subproduto do homem, posto que foi feita da costela de Adão, de que mulher estamos falando? Fazemos parte de um contingente de mulheres originárias de uma cultura que não tem Adão. Originárias de uma cultura violada, folclorizada e marginalizada, tratada como coisa primitiva, coisa do diabo, esse também um alienígena para a nossa cultura[...] (CARNEIRO, 2003, p. 50-51).

A longa citação remete a ideia da construção do sujeito. Carneiro faz a leitura de um grupo, ao qual pertence, a partir de como este grupo é visto e tratado socialmente e parte de suas próprias experiências enquanto exerce ativamente o pensamento filosófico contemporâneo. É uma atividade de leitura que surge do Outro e é percebida no âmbito das relações como um todo.

A construção da mulher como o outro já havia sido amplamente discutida pela teórica feminista Simone de Beauvoir, em 1949. Para Beauvoir (2016), quando uma mulher se define, ela o faz em relação à definição de homem, o homem é o Ser, ao passo que a mulher é o Outro. Embora sejam um grupo oprimido, muitas mulheres não se identificam umas com as outras e priorizam seus interesses pessoais, muitas vezes tornando-se rivais em virtude de quererem a atenção masculina. Beauvoir critica essa postura de rivalidade logo que introduz o pensamento sobre a categoria do outro. Para ela, a incapacidade das mulheres em deixar de ser o Outro vem da construção da supremacia e dominação masculina que de tão latente e enraizada faz com que oprimidas se tornem opressoras delas mesmas e das outras, suas iguais, já que nunca deixarem de se enxergar como Outro.

O feminismo que nasce impetrado nas obras reflexivas de Simone de Beauvoir tem seus alicerces e fundamentação no meio experienciado pela autora, ou seja, é academicista e, além disso, eurocêntrico e foi a partir deste meio que discussões sobre o lugar da mulher na sociedade se fundamentou. Mulheres não brancas, não acadêmicas e

não eurocentradas ficaram de fora das discussões que fortaleceram o movimento feminista.

Quando a segunda onda feminista se espalhou pelo mundo na década de 1960, Carolina Maria de Jesus já morava na favela do Canindé em São Paulo, já catava papel para se sustentar, já tinha três filhos e os criava precariamente sozinha, não havia nenhuma pauta dentro do movimento que propusesse reconhecer e discutir as dificuldades e realidades de mulheres como Carolina.

Tendo em vista que a análise da filósofa francesa tem como objeto a mulher ocidental, branca, de classe média, e que suas prerrogativas e discussões sobre o feminino se tornaram uma das principais fontes de consulta para o movimento feminista no mundo todo desde a sua segunda onda, torna-se necessário incluir a mulher negra e suas subjeções nesta discussão. A estudiosa feminista Grada Kilomba (2019) propõe uma releitura de Beauvoir reinterpretando sua teoria no esforço de conceber a mulher negra, de qualquer nacionalidade, uma categoria a ser analisada nas suas subjetividades que, na maioria das vezes, não são as mesmas das mulheres brancas. E mais: cunha a partir da visão dominante do homem branco a categoria o Outro do Outro<sup>10</sup>, uma vez que mulheres negras não são nem brancas, nem homens.

Se homens brancos reservam lugares sociais às mulheres e, sobretudo às mulheres negras, seja na ficção ou nas relações do dia a dia é porque o lugar social que ele ocupa o deixa confortável para decidir isso. Ou seja, o lugar de dominação e superioridade definida com base no gênero e classe ao qual ele pertence, e quando o homem branco faz estes julgamentos com base em um passado de exploração e subalternidade de um determinado grupo, ele incentiva a continuidade dessa exploração com outras roupagens e deixa claro que a estrutura social não deve mudar, subentendendo-se que os marginalizados devem permanecer à margem.

Voltando à ideia da arte como política, entendemos que a arte só é política por que o homem é um ser político, o homem (humanidade) só se constitui pela natureza política e só encontra sua essência pela inferência do outro (ARISTÓTELES, 2011). O caráter cíclico da sociedade abrange estas percepções, sendo a linguagem uma das principais ferramentas para definir os lugares que ocupamos na sociedade. Quem tem o poder é quem tem a palavra, é quem pode ser ouvido e manter ou criar estruturas como um

---

<sup>10</sup> KILOMBA, Grada. *Memórias da Plantação: episódios de racismo cotidiano*. Tradução de Jess Oliveira. 1. ed. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

processo infinito de relações permanentes cunhadas nas associações entre explorado e explorador.

Roland Barthes (2013) discute a ideia da literatura como parte de uma estrutura de poder a que todos estão submetidos: no entanto, a literatura é a utilização da linguagem não submetida ao poder. A linguagem é uma legislação e a língua o seu código, nós não vemos o poder que reside na língua, nós somos submetidos a este poder, ao passo que somos a todo tempo classificados pela língua.

A nossa submissão à língua é capaz de promover nossa alienação, ao passo que nos obriga a escolhas, remetendo à ideia de binarismo que sempre existiu e permanece na sociedade, se me vejo sempre a escolher entre uma coisa e outra, recuso uma em favorecimento a outra, descartando e muitas vezes desqualificando a minha não escolha. E assim fazemos nas nossas relações e assim ocorreu com as mulheres negras nas sociedades em que o modelo de exploração esteve presente.

Sendo assim, se as mulheres negras estão em situação de maior vulnerabilidade no contexto social, isso ocorre porque esse mesmo contexto reproduz recorrentemente desigualdades que as colocaram nesse lugar, impedindo seu avanço em todos os sentidos. É necessário olhar para essa realidade de modo a modificá-la e é por isso que grupos se organizam nas diferentes esferas da sociedade, reivindicando o direito de ter voz.

## **1.2 A representatividade e o lugar de fala**

A representação da mulher negra na Literatura Brasileira obedeceu, como vimos, a uma visão hegemonicamente branca e masculina ao decorrer da história, o colonialismo europeu provocou profunda desestruturação na vida destas mulheres, especialmente no regime do trabalho, na escravidão, na agressão sexual, nos estereótipos de serem elas sexualmente obcecadas e precoces, na prostituição, no abuso de crianças nos variados tipos e sentido.

Além de pensar a representação do feminino pela literatura, é necessário pensar em sua produção intelectual. Ao observar o cânone literário, facilmente se constata um grande desequilíbrio referente às obras de autoria feminina. Longe de afirmar que mulheres não produziam e/ou produzem literatura, bastaria aqui citar Virgínia Wolf<sup>11</sup>. A pouca participação de escritoras no âmbito literário pode ter vários motivos: mulheres

---

<sup>11</sup> WOLF, Virginia. Um teto todo seu. Tradução: Bia Nunes de Sousa ;1ªed. São Paulo: Tordesilhas, 2014.



excluídas, abafadas ou impedidas, seja pela negação do acesso à educação, seja pela obrigação com afazeres domésticos, casa-marido-filhos, seja pelo impedimento de que tivessem um teto delas para viabilizarem a criação de seus personagens.

[...] uma mulher precisa ter dinheiro e um teto todo seu, um espaço próprio, se quiser escrever ficção; e isso, como vocês verão, deixa sem solução grande problema da verdadeira natureza da mulher e da verdadeira natureza da ficção... (WOLF, 2014, p. 12).

Com a expressão “verdadeira natureza da mulher”, Wolf se refere exatamente ao lugar social com o qual o ser mulher já nasce biologicamente definido, o da esfera privada da sociedade, do culto à vida doméstica, ao casamento e ao cuidado dos filhos, o que a deixava totalmente de fora de manifestações ou participações ativas em movimentos socioculturais, intelectuais ou políticos. Foi preciso muita coragem por parte de muitas mulheres para que este caminho fosse aberto. Em seu ensaio intitulado *Um teto todo seu*, a autora traça o movimento de algumas dessas mulheres no enfrentamento sócio patriarcal em busca do direito de escrever. Apesar de Virgínia Wolf pertencer ao grupo de mulheres que somam quando o assunto é o pioneirismo feminino na intelectualidade a partir do século XX, suas análises, que hoje pertencem ao cânone mundial também dizem respeito a mulheres brancas, ocidentais e de classe média.

Contudo, trazendo o pensamento wolfiriano para a realidade brasileira, verifica-se a exclusão quase total de obras de autoria feminina, sobretudo anteriores ao século XX, já que até suas primeiras décadas as mulheres brasileiras foram submetidas a estruturas ideológicas de gênero, obviamente também de raça e classe.

No limiar do século XX foi quando houve uma explosão da literatura que tinham mulheres como vanguardas. Entretanto, essa vanguarda ainda não incluía a produção de mulheres negras. Somente a partir da década de 70, com movimentações que visavam maior inserção do negro brasileiro na sociedade, como a criação MNU (Movimento Negro Unificado) e conseqüente surgimento de leitores negros e também de uma crítica que a contemplasse é que a literatura negro-brasileira foi avançando.

Este avanço propiciou no mesmo ano, o lançamento da série *Cadernos Negros* que é uma produção em forma de cooperativa, na qual os próprios autores pagam, dividem os custos de suas publicações. A série visa a veiculação da produção literária negra brasileira, geralmente inviabilizada em grandes editoras, dando protagonismo àqueles que precipitavam passar para o papel sua visão de mundo, colocando em foco a intelectualidade de subalternizados pelo sistema. A partir deste contexto está finalmente

inserida na sociedade brasileira o espaço de fala para escritores e escritoras negras e com isso ocorre a ampliação da discussão sobre a crise da representação na literatura brasileira.

Segundo Cuti (2010), nos primeiros anos do século XX, associações negras de várias partes do Brasil já começavam a oferecer uma recepção mais solidária aos escritores, entusiasmados em escrever tendo como endereço direto o leitor negro e, com isso, é que autores e autoras passaram a incluir na sua temática o protesto, desenvolvendo em seus textos uma consciência crítica. Pode-se dizer que essas junções fariam parte do contexto de literatura de resistência ou contra hegemônica.

Em um exercício criativo de autorrepresentação, a literatura negro brasileira busca estar comprometida com as temáticas que envolvem as vivências do próprio negro, rompendo oportunamente com os estereótipos deixados pelo cânone, mostrando que a literatura é texto estético, poético, histórico e de formação cultural.

Conceição Evaristo despontou neste grupo de autores como referente brasileiro na escrita de mulheres negras, com a proposta de buscar a autoafirmação da identidade feminina, ela faz opção pela quebra de narrativas de desvalorização da mulher ao passo que dá a ela total protagonismo em suas histórias. Diversos contos, poemas e romances da autora carregam consigo a tentativa de desmistificar o imaginário popular em relação a estas mulheres.

Sendo Evaristo uma mulher negra em pleno exercício de sua subjetividade, pode-se inferir que nas questões de representatividade ela está imbricada em duas questões, no papel de intelectual que faz conscientemente a literatura como espaço de lutas de resistência e de personagem histórica, pois está para sempre simbolizando o que historicamente não era para ser, já que a sociedade não espera ver mulheres negras disputando cadeiras na Academia Brasileira de Letras, mas em elevadores de serviços ou em outras situações de servidão.

A prática do feminismo negro é exatamente essa, o rompimento de barreiras sócio construídas, e discussões sadias das temáticas culturais e educativas auxiliando a renascença de um novo pensamento acerca de um grupo historicamente subalternizado.

De acordo com Djamila Ribeiro<sup>12</sup>, o foco do feminismo negro é “salientar a diversidade de experiências tanto de mulheres quanto de homens e os diferentes pontos de vista possíveis de análise de um fenômeno, bem como marcar o lugar de fala de quem a propõe” (RIBEIRO, 2018, p. 59). Este foco é exercitado por Conceição Evaristo quando

---

<sup>12</sup> RIBEIRO, Djamila. *O que é lugar de fala*. Belo Horizonte: Letramento: Justificando, 2017.

cria, em seu romance *Becos da Memória* (2003), personagens femininas que dão todo movimento ao enredo e serão, aqui, debatidas no capítulo seguinte.

A autora manifesta na literatura as experiências que partilha no coletivo, proporcionando ao seu público leitor um outro olhar sobre realidades que foram consideradas implicitamente negativas em virtude da disseminação de ideias hegemonicamente normativas e não pertencentes àquele lugar, é o caso das comunidades periféricas retratadas na literatura.

Segundo o pensamento de Ribeiro, esta é uma das maneiras que grupos historicamente marginalizados podem ocupar o seu lugar de fala. Para a filósofa, o falar não se restringe ao ato de emitir palavras, mas de poder existir social e politicamente. E afirma: “Pensamos o lugar de fala como refutar a historiografia tradicional e a hierarquização de saberes consequente da hierarquia social” (2018, p. 64).

A partir da leitura que faço do lugar de fala, entendo que a questão não é proporcionar silenciamentos, como uma prática excludente, como se o não branco não pudesse falar de racismo, ou o não suburbano não pudesse dizer sobre a favela, todos podem falar, estas pessoas só não estão autorizadas a representar como se estivessem localizadas em um lugar que estrutural e socialmente não são delas. O lugar de fala passa pela colocação de sujeitos, mas a representatividade exige a vivência.

Por exemplo, uma leitura atenta da obra *Becos da memória* (2003) me rememorou imediatamente a outra obra de escrita periférica de autoria negra feminina: *Quarto de Despejo: diário de uma favelada* (1960) de Carolina Maria de Jesus. Esta obra se constitui como um relato autobiográfico que também vai trazer acontecimentos do espaço geográfico e socialmente marginal. Portanto, ambas autoras têm lugar de fala e representatividade destes locais porque pertencem ou pertenceram a ele de alguma maneira.

Como Carolina Maria de Jesus, nas ruas da cidade de São Paulo, nós conhecíamos, nas de Belo Horizonte, não só o cheiro e o sabor do lixo, mas, ainda, o prazer do rendimento que as sobras dos ricos podiam nos ofertar. Carentes de coisas básicas para o dia a dia, os excedentes de uns, quase sempre construídos sobre a miséria de outros, voltavam humilhantemente para as nossas mãos. Restos (EVARISTO, 2009, p. 3).<sup>13</sup>

---

<sup>13</sup> EVARISTO, Conceição. Conceição Evaristo por Conceição Evaristo. Disponível em: <http://nossaescrivencia.blogspot.com.br/2012/08/conceicao-evaristo-por-conceicao.html>. Acesso em: 7 de março 2019.

Carolina conhecia e representou as mazelas da favela de São Paulo, assim como Evaristo e sua mãe conhecia as mazelas da favela de Belo Horizonte e as romanceou, Evaristo se sentiu representada por Carolina e seguiu buscando representá-la enquanto escritora negra reconhecida. A meu ver, a trajetória que Carolina Maria de Jesus iniciou é saudada e preservada pelas conquistas e pela visibilidade de Conceição Evaristo e tantas outras escritoras negras brasileiras. Para Evaristo (2009, p. 3), “a favelada do Canindé criou uma tradição literária”, pois este caminho foi seguido por outras mulheres faveladas, narrando, em seus escritos, “a miséria do cotidiano enfrentada por elas” (2009, p. 3).

Nenhuma destas mulheres, no entanto devem ser consideradas, como aconteceu com muitas críticas sobre Carolina, como porta vozes da favela, isso seria diminuí-las ou aos supostos silenciados, pois permaneceriam nesta condição. Elas representam sim, mas as vozes que ecoam em suas narrativas, são delas unicamente. Além do mais, muitos podem não se sentir representados, na questão de representatividade há que se respeitar as subjetividades.

Após o sucesso de *Quarto de Despejo: o diário de uma favelada* (1960), Carolina publicou outros livros de pouca recepção e fortes críticas. Em *Casa de Alvenaria*, título que alude a nova moradia da escritora após deixar a favela do Canindé, ela expõe desabafos com relação ao modo como é vista pela mídia e pela classe intelectual do país. Em um trecho que responde a uma crítica sobre sua linguagem, ela diz: “Alguns críticos dizem que sou pernóstica quando escrevo – ‘os filhos abluíram-se’, (trecho de *Quarto de Despejo: o diário de uma favelada*). Será que preconceito existe também na literatura? O negro não tem o direito de pronunciar o clássico? (JESUS, 1961, p. 63-64). Carolina vincula o preconceito étnico à censura recebida em seu vocabulário em virtude de fazer uso coloquial que de fato conhece e sente como se quisessem impedi-la de simplesmente escrever como sempre sonhou fazer: usar a própria voz.

O cerceamento que Carolina sofre e questiona remonta à teoria da estudiosa indiana Gayatri Spivak que diz, na conjuntura de uma análise pós-colonial que “o subalterno não pode falar” (2010, p. 126).

As reflexões de Spivak são importantes dentro dessa reflexão sobre escrita de mulheres, sobretudo mulheres negras e a receptividade de seus textos. Um trecho de seu pensamento diz:

Se o discurso do subalterno é obliterado, a mulher subalterna encontra-se em uma condição ainda mais periférica pelos problemas subjacentes a questão de gênero [...] O subalterno não tem história e não pode falar, o sujeito subalterno

feminino está ainda mais profundamente na obscuridade (SPIVAK, 2010, p. 14-15).

Se as mulheres em geral ao proferirem seus discursos, enfrentam a censura por questões de gênero, vale frisar que no caso das mulheres negras acrescenta-se a questão de raça, como bem pontuado por Carolina ao responder os críticos. Contudo, enfrentando tais restrições e censuras sociais, políticas e culturais, Carolina vai lá, resiste e fala. Fala à maneira, sob as críticas, fala novamente. Rompendo drasticamente com o silenciamento a que é conduzida pela cultura hegemônica.

Mulheres subalternizadas, escrevem, discursam, palestram, questionam, gritam se necessário. O silenciamento como a que foi dirigido a Carolina Maria de Jesus, pode até existir das mais diversas formas e nos mais diversos locais, mas é quebrado por outras e por outras e por outras. A literatura brasileira se enriquece com a perspectiva de enxergar a sociedade de uma maneira mais descolonizada, o cenário literário torna-se um espaço mais representativo e mais democrático.

Se embranqueceram e apagaram uma Maria Firmina dos Reis, a resistência a escureceu novamente. Se apagaram Carolina Maria de Jesus, a vontade de permanecer existindo no espaço intelectual reacende por e através dela a vitória de uma classe. Se recusam uma cadeira normativa e classicista a uma Conceição Evaristo, milhares de outras cadeiras de cunho representativo e acolhedor surgem em gamas de textos escritos, publicados e distribuídos por mulheres negras para outras mulheres negras. Uma corrente infinita e um espaço de trocas de experiências para quem procura na literatura mais do que já lhe é familiar como o uso correto das normas coloquiais, está em contínua formação para oferecer o desconhecido, o outro.

### **1.3 A descoberta da negritude**

A descoberta da negritude nada mais é que o momento em que o sujeito se percebe negro, não é o de enxergar a cor da pele, mas o momento da tomada de consciência do que significa ser negro. Essa tomada de consciência geralmente ocorre durante o acontecimento de uma situação onde se manifesta racismo.

Para muitos a descoberta da negritude ocorre na infância ou na adolescência. Nesta fase da vida é comum que crianças negras sejam vítimas de racismo, principalmente em contexto recreativo. Mas o despertar para a negritude pode ocorrer também na fase

adulta porém, apesar de emergir de uma situação dor, pode ser ressignificado em libertação e empoderamento.

Em 2016, Bianca Santana lançou um livreto chamado *Quando me descobri negra*, reunindo diversos relatos sobre experiências pessoais e de outras pessoas negras sobre este processo de descoberta. Desde tentativas de branqueamento como alisamento de cabelo e ser chamada de morena, a situações constrangedoras em locais públicos como opressão policial ou profissões subjugadas, episódios que acontecem no Brasil diariamente, com imposições sobre a negritude e são mostrados pela autora.

Nas obras autobiográficas de Carolina Maria de Jesus – tanto em *Quarto de despejo* (1964) quanto em *Diário de Bitita* (1982) – observa-se a ocorrência de inúmeros casos de racismo, tanto contra a escritora quanto para sua família. Seria difícil precisar quando ocorreu a descoberta da negritude para ela. Em síntese, por ser negra e de origem humilde as pessoas não concebiam quando ela dizia saber e gostar de ler e muito menos que queria ser escritora.

A relação com os livros aconteceu muito cedo para a autora, apesar de ter sido obrigada a largar os estudos no segundo ano do ensino fundamental para ajudar no sustento da família, Carolina permaneceu interessada nos livros, obcecada até, conta Tom Farias (2017), seu mais recente biógrafo.

Segundo Farias, em certa ocasião Carolina sentou ao sol de frente de casa para fazer uma de suas leituras favoritas “Dicionário Prosódico do Brazil e Portugal”. “Não era uma cena usual essa, por duas razões, e muito simples para a época: uma mulher negra atoa [...] e outra, e o pior lendo um livro” (FARIAS, 2017, p. 93).

O livro que Carolina lia foi confundido com um livro de rezas e bruxarias, sofreu denúncia a polícia e foi presa. Sua mãe, Dona Cota, buscou ir em defesa da filha e também foi presa. O biógrafo relata que as duas sofreram muitas agressões físicas e psicológicas durante os dias na prisão, eram nomeadas de preta fedida, vagabundas e outros absurdos. “[...] o caso de Carolina foi diferente de tudo que aconteceu por lá, em termos de arbitrariedade e preconceito, que hoje poderia ser visto como racial e de gênero” (FARIAS, 2017, p. 95). É um episódio revoltante, narrado também pela própria Carolina em *Diário de Bitita* (1982). Logo após o incidente, Carolina sai da pequena Sacramento para então buscar o sonho de ser escritora.

Naturalmente não foi neste momento que Carolina descobriu-se negra, apesar de ainda ser muito jovem quando o fato ocorreu, porém, foi quando descobriu o racismo, e o experienciou da maneira mais violenta e desumana. Interessante ressaltar que ao narrar

o acontecimento em *Diário de Bitita* (1982), a autora escolhe intitular o capítulo como “Cultura”, o título remete a sua paixão pelos livros e a sua tentativa de se auto educar através da leitura e ao mesmo tempo configura uma ironia da falta de cultura das pessoas que a acusaram a ponto de levá-la a prisão, não sabiam ler, julgaram o livro pela capa, pelo peso e sobretudo por ser ela uma mulher negra, desprovida do aval da sociedade para praticar leitura no meio do dia, sua função social era a do trabalho, sobretudo o braçal.

Mediante este e outros acontecimentos na biografia de Carolina, surpreende o fato de que ela jamais desistiu de se tornar uma literata, sofreu inúmeras humilhações por ser negra e querer ser escritora como se as duas coisas não pudessem definir um único sujeito. Como se a negritude inviabilizasse o culturamento. Diante de muitas recusas e desqualificações por causa de sua raça, Carolina ter permanecido firme em seu objetivo e nunca ter se calado representa o corpo-mulher-negra representado fora da ficção, que se impõe e se inscreve a partir da própria subjetividade e toma o lugar da escrita como direito, sobretudo o direito de viver.

A atitude de Carolina evoca o estudo crítico do teórico Homi Bhabha com relação a cultura e a disseminação da mesma, em que afirma que o discurso literário do colonizado não só evoca o direito de ser sujeito significativo, como questiona o direito de nomeação exercido por poderes dominantes sobre si e sobre o mundo. “[...] é vivendo na fronteira da história e da língua, nos limites de raça e gênero, que estamos em posição de traduzir as diferenças entre eles numa espécie de solidariedade” (BHABHA, 2013, p. 272).

Carolina se solidariza consigo mesma e por isso representa tanto para escritoras contemporâneas em uma passagem de seu primeiro livro publicado. A autora conta que sempre levava suas peças para apresentar aos diretores de circo para serem montadas em espetáculo:

Eles respondia-me:

– Uma pena você ser preta.

Esquecendo eles que eu adoro a minha pele negra, e o meu cabelo rustico. Eu até acho o cabelo do negro mais iducado do que o cabelo de branco. Porque o cabelo de preto, onde põe, fica. É obediente, e o cabelo do branco, é só dar um movimento na cabeça ele já sai do lugar. É indisciplinado. Se é que existe reencarnações, eu quero voltar sempre preta. (JESUS, 2010, p. 65)

Para a escritora de diários que foi, consciente de sua negritude, Carolina encerra qualquer julgamento seja ele sócio econômico ou cultural com autoconfiança, consciência

de classe e empoderamento, denomina atitudes feministas sem nem mesmo se inteirar do que significa politicamente isso.

### **1.3.1 A solidão da mulher negra**

Uma questão vem sido muito debatida dentro do feminismo negro atual e se refere à afro afetividade ou a solidão da mulher negra. O debate permeia o lugar que é destinado às mulheres negras nas relações sociais, em especial afetivas.

bell hooks (2006) discute essa realidade de mulheres negras, declarando ser uma das verdades privadas que estas mulheres não discutem em público pela dor que encerra e pela complexidade que é o tema amor, ou a ausência dele. hooks recorda que as relações escravistas fazem gerar marcas sociais impagáveis de desenvolvimento pessoal para os negros e isso incluem a autoestima e a afetividade. “O sistema escravocrata e as divisões raciais criaram condições muito difíceis para que negros nutrissem seu crescimento espiritual. Falo de condições difíceis, não impossíveis. Mas precisamos reconhecer que a opressão e a exploração distorcem e impedem nossa capacidade de amar” (HOOKS, 2006, p. 188).

A herança escravocrata destina a mulheres negras ao trato subalterno em todas as relações, digo mulher negra *versus* homem negro; mulher negra *versus* homem branco; mulher negro *versus* mulher branca.

A subalternidade do feminino perante o masculino desdobra-se na violência da mulher branca contra a mulher negra, vista pela primeira como sua concorrente, rival, em relação ao homem, branco ou negro. Traída pelo marido, a senhora vinga, no corpo da escrava violentada e que não tem a opção da recusa sexual ao senhor, a humilhação sofrida. Olhos de mulheres arrancados, órgãos genitais masculinos castrados são consequência de ciúmes sentidos por quem se atribui, senhorialmente o status de dono do corpo negro.

Trazer esse debate para os estudos literários se faz importante, primeiro porque como já dito, a literatura para as mulheres negras é um instrumento de desconstruções e solidificações de novas perspectivas para elas e para suas subjetividades, segundo porque dar visibilidade a estas questões que apesar de pessoais possuem demandas coletivas colaboram por suprir compressões acerca do sentimento de inferioridade das mulheres negras.



A criação das personagens negras nas narrativas literárias de autoria canônica, já verificamos anteriormente neste capítulo a herança colonial que esterilizava corpos negros mesmo que metaforicamente. Essa característica das narrativas literárias brasileiras vem sendo rompida pelos atos de escrita de escritoras negras contemporâneas.

Retomando *Quarto de despejo: diário de uma favelada* (1964), deparamos mais uma vez com o pioneirismo de Carolina em lidar e tratar tais problemáticas em sua vida. Na passagem de 8 de novembro de 1958 Carolina reflete sobre os homens e o comportamento deles diante dela, “ eu olhava os empregados da Ligth e pensava: no Brasil não tem homens! Se tivesse ageitava isto para mim. Eu devia ter nascido no inferno” (JESUS, 2007, p. 135). O episódio se dá quando a escritora precisa carregar um móvel que ganhou e amarrá-lo no carrinho de mão a fim de levá-lo para casa para ser aproveitado, havia homens trabalhando na rua que olhavam para ela, mas sequer ofereciam ajuda.

A situação que envolve a escritora evoca a ideia do senso comum de que mulheres negras nasceram para o trabalho braçal, muitas vezes destituindo estes corpos de feminilidade, como se o processo de escravidão tivesse criado um padrão de força física para qualquer corpo negro que se apresente. Nesse sentido, Sojourner Truth<sup>14</sup> em uma convenção feminista nos EUA em 1851 discursa:

Aqueles homens ali dizem que as mulheres precisam de ajuda para subir em carruagens, e devem ser carregadas para atravessar valas, e que merecem o melhor lugar onde quer que estejam. Ninguém jamais me ajudou a subir em carruagens, ou a saltar sobre poças de lama, e nunca me ofereceram melhor lugar algum! E não sou uma mulher? Olhem para mim? Olhem para meus braços! Eu arei e plantei, e juntei a colheita nos celeiros, e homem algum poderia estar à minha frente. E não sou uma mulher? Eu poderia trabalhar tanto e comer tanto quanto qualquer homem – desde que eu tivesse oportunidade para isso – e suportar o açoite também! E não sou uma mulher? Eu pari 3 treze filhos e vi a maioria deles ser vendida para a escravidão, e quando eu clamei com a minha dor de mãe, ninguém a não ser Jesus me ouviu! E não sou uma mulher? Daí eles falam dessa coisa na cabeça; como eles chamam isso... [alguém da audiência sussurra, “intelecto”]. É isso querido. O que é que isso tem a ver com os direitos das mulheres e dos negros? Se o meu copo não tem mais que um quarto, e o seu está cheio, porque você me impediria de completar a minha medida? Daí aquele homenzinho de preto ali disse que a mulher não pode ter os mesmos direitos que o homem porque Cristo não era mulher! De onde o seu Cristo veio? De onde o seu Cristo veio? De Deus e de uma mulher! O homem não teve nada a ver com isso. Se a primeira mulher que Deus fez foi

---

<sup>14</sup> Sojourner Truth nasceu escrava em Nova Iorque, sob o nome de Isabella Baumfree, em 1797, foi tornada livre em 1787, em função da Northwest Ordinance, que aboliu a escravidão nos Territórios do Norte dos Estados Unidos (ao norte do rio Ohio). Tornou-se abolicionista afro-americana, escritora e ativista dos direitos da mulher.

forte o bastante para virar o mundo de cabeça para baixo por sua própria conta, todas estas mulheres juntas aqui devem ser capazes de conserta-lo, colocando-o do jeito certo novamente. E agora que elas estão exigindo fazer isso, é melhor que os homens as deixem fazer o que elas querem. Agradecida a vocês por me escutarem, e agora a velha Sojourner não tem mais nada a dizer.<sup>15</sup>

Apesar de estar se referindo a igualdade de direitos entre homens e mulheres, a fala de Sojourner está registrada na história por questionar a distinção biológica que o senso comum faz, entre os corpos de mulheres negras e brancas, se Carolina não tivesse a pele negra, teria conseguido ajuda dos homens a sua volta para realizar sua tarefa? Provavelmente.

No que diz respeito as relações conjugais, Carolina deixa poucos registros e nunca revela a identidade dos pais de seus três filhos. O abandono de mulheres negras com filhos também caracteriza um quadro social relevante ao Brasil, deixando ainda mais vulneráveis as condições de muitas mulheres negras que, além do abandono e de ter que dar sustento solitário aos filhos, encara o preconceito da sociedade por ser mãe solo, impondo um isolamento ainda maior e problemático.

Na mesma data do diário em que narra a situação com os homens da Ligth, a escritora deixa registrado que estava namorando um Sr. Manoel, parece uma relação informal visto que ela mesmo diz que ele passa dias sem visitá-la e que no período em que isso acontece se sente sozinha e nervosa. O homem fala em casamento, mas Carolina não confia nos homens, e tem medo de ser maltratada e explorada como está acostumada a ver com outras mulheres na favela. “Ele disse-me que quer casar comigo. Olho e penso. Este homem não serve para mim. Parece ator que vai entrar em cena. Eu gosto de homens que pregam pregos, concertam algo em casa” (JESUS, 2010, p. 136).

Além da fome de alimentos que enfrenta diariamente, a escritora também demonstra a fome de afeto, a solidão perpassa pela afetividade conjugal, mas vai além, já que se sente preterida em função da mistificação da cor de sua pele. E mesmo acompanhada a solidão se aperta, pois ela sabe como é vista, interiormente ela quer ser tratada como qualquer outra mulher e ter um companheiro que faça e tenha por ela o carinho e o cuidado comum nas relações em que há pais em famílias tradicionais da época.

---

<sup>15</sup> GELEDES. Sojourner Truth. Disponível em: <<https://goo.gl/1e-QobC>> Acesso em: 12 março 2019.

## **2. SORORIDADE E DORORIDADE: PERSPECTIVAS EM ESCRITAS DE SI**

### **2.1. Perspectivas feministas e alteridades literárias**

Numa época em que todo mundo tem opinião sobre tudo é comum escutarmos: “Não sou feminista, sou feminina”, ou ainda, “Não sou feminista e nem machista”, em demonstração de contrariedade ao feminismo. É assustadora a quantidade de pessoas que se manifestam contra o feminismo sem ao menos saber o que significa ou que sentem medo de se dizerem feministas e serem afrontadas ou discriminadas de alguma maneira.

Durante muitos séculos as mulheres têm falado abertamente sobre as desigualdades enfrentadas em decorrência de gênero, no entanto o feminismo como conceito surgiu apenas no século XIX, na França e desde então vem sendo utilizado para descrever quaisquer movimentos que tenham como objetivo conquistar igualdade social entre os sexos e pôr fim ao sexismo e a opressão das mulheres pelos homens. Em “Feminismo em Comum para todas, todes e todos”, a filósofa Márcia Tiburi (2018) define o feminismo como:

[...] o desejo por democracia radical, voltada a luta por direitos de todas, todes e todos que padecem injustiças sistematicamente armadas pelo patriarcado. Nesse processo de subjugação, incluem -se todos os seres cujo corpo é medido por seu valor de uso – corpos para o trabalho, a procriação, o cuidado e manutenção da vida e a produção do prazer alheio – que também compõem a ampla esfera do trabalho, na qual está em jogo o que se faz para o outro por necessidade de sobrevivência. (orelha do livro)

Para Tiburi, o feminismo é, dentre outras conceituações um fenômeno de proporções abrangentes no sentido de que possui reivindicações de favorecimento coletivo, em que não ocorre distinções de gênero, classe social ou raça. Uma grande confusão, no entanto, permite que o senso comum enquadre o feminismo como antagônico ao machismo, o que não é verdade, uma vez que o machismo é apenas um produto, ou subproduto daquilo que realmente se acredita ser o alvo de combate das feministas, o sistema patriarcal.

O sistema patriarcal destitui homens e mulheres de suas subjetividades à medida que estrutura a sociedade, organizando-a de forma favorecer alguns em detrimento de outros, os não favorecidos devem trabalhar para que outros usufruam de privilégios e pela

manutenção destes. O patriarcado não só apaga e inferioriza sujeitos como legitima crueldades como estrutura opressões dentro de uma coletividade, basta observar que existe a valorização pelo senso comum em julgar os outros pelo “berço”, ou seja, a origem, o nascimento, as posses, o gênero e a etnia, enfim atributos que favorecem detentores de poder.

Entende-se, portanto, que o sistema patriarcal se perpetua em razão de seus opressores, e, por conseguinte, pelos oprimidos que muitas vezes não se veem como tal, melhor dizendo, ignoram e não praticam o que se designa como consciência de classe<sup>16</sup>. O patriarcalismo está atrelado ao sistema capitalista. Segundo o camaronense, Achille Mbembe, professor de História e Ciência Política, referência acadêmica no estudo do pós-colonialismo, em *Crítica da Razão negra (2014)*, o mundo entrou em um devir-mulher assim como entrou em um devir-negro, no sentido de marcar corpos, sob o julgo do gênero, da raça e/ou da classe social.

Verificam-se as condições da mulher discutidas pelo feminismo através dos tempos, a mulher é um sujeito marcado para servir o mundo do privilégio patriarcal, a atuar no campo da servidão, ou seja, lavar, cozinhar, cuidar das crianças, dos idosos, dos homens e da casa. Ser recatada, calma, pura e singela. Muitas delas não se questionam sobre isso, trazendo à tona uma reflexão acerca da efetividade da opressão deste sistema. O patriarcalismo impede através de sua própria essência constitutiva, isto é, suas ideologias, que oprimidos pensem por conta própria e que percebam o quanto são usadas por aqueles que, dentro desta engrenagem, estão nos lugares de privilégio.

Como estratégia para a manutenção da subalternidade das mulheres em diferentes culturas e de diferentes modos, romantiza-se ou naturaliza-se a situação da mulher valorizando os atributos domésticos, dando a estas, conotações naturais e até biológicas. De diferentes formas e através dos tempos algumas mulheres tentam se emancipar dessa condição imposta, no entanto, só atingem tal emancipação ao conseguirem que outras mulheres trabalhem por elas, quer dizer, o ciclo se perpetua e o patriarcado permanece soberano.

Ao traçar as perspectivas que englobam as lutas feministas até aqui, percebe-se que o feminismo tem por gênese a luta por direitos de todos os sujeitos, seja qual for sua origem, classe social ou gênero, sendo, portanto, através dos anos um crescente e diligente

---

<sup>16</sup> O **conceito de consciência de classe** está no livro *A Sagrada Família*, escrito por Karl Marx e Friedrich Engels, como algo que o trabalhador proletariado está destinado a tomar dentro do sistema capitalista, não sendo, portanto, uma meta, mas algo que necessária e naturalmente deve acontecer.

instrumento perseguidor de uma democracia de direitos igualitários. Não obstante, nas práticas sociais, torna-se demasiado utópico a concretização linear dessa ideologia, isso porque ao longo da história o sistema opressor do qual se fez um apanhado anteriormente, tomou proporções assustadoras e ramificadas.

Ao tratar a questão racial, por exemplo, o movimento de feministas brancas nos Estados Unidos da América, o qual exerceu influência sobre as feministas brasileiras, insistiram “que mulheres negras só poderiam ser verdadeiramente feministas se priorizassem uma sororidade não racial acima da solidariedade antirracista com os homens negros” (ARRUZZA; BHATTACHARYA; FRASER, 2019, p.25). Exercendo uma forma de opressão sobre estas mulheres, que deveriam abster-se de parte de sua constituição enquanto sujeitas para serem consideradas feministas.

Além de cruel, essa atitude ambivalente é também uma amostra de racismo. Não há como exigir de uma pessoa que abdique de uma luta em favor de outra, que poderia nem vir a ser sua, pois como já citado anteriormente, a luta para alçarem o direito de trabalhar não correspondia a realidade das mulheres negras. O capitalismo criou classes de seres humanos racializados, ao criar pessoas desvalorizadas e submetidas a expropriação de ordem social, psicológica ou econômica.

Não se pode esquecer que do ponto de vista histórico, um contexto indispensável, recaia sobre as mulheres negras um passado de submissão de corpos e exploração, em que foram extraídas de si através de operações de origens teóricas e discursivas com efeitos desumanos, compreende-se ser este o ponto comum de encontro do capitalismo, racismo e patriarcado. A definição do Outro como subserviente, endossado por um suposto conhecimento científico ou religioso, características negativas nele, é marcar esse sujeito, destruir-lhe a humanidade. Coisificá-lo como ocorreu com as mulheres ao longo da história ou animalizá-lo como ocorreu aos escravizados.

A situação da mulher negra era e ainda é radicalmente diferente da situação da mulher branca. Enquanto feministas brancas lutavam pelo direito ao voto e ao trabalho, mulheres negras lutavam para serem consideradas pessoas.

Segundo Constância Lima Duarte em *Feminismo: uma história a ser contada*, ocorre no Brasil uma certa resistência à palavra feminismo, pois diferente de outros países, o movimento feminista permitiu o isolamento do termo, ou seja, não emitiam orgulho em se afirmar feminista, o que permitiu uma redução semântica do termo transformando feministas em sinônimo de mulheres mal-amadas, machonas e feias.

Este distanciamento entre movimento e população, sem dúvida também está diretamente ligado ao alcance limitado do feminismo no que diz respeito às mulheres sem acesso à teorização ou mulheres que não frequentam a academia, sobretudo àquelas que deveriam se beneficiar diretamente das reivindicações sociais do movimento feminista. A história do feminismo é pouco conhecida, uma vez que também é pouco contada. E só é pouco contada porque apesar das conquistas feministas a opressão do sistema patriarcal sempre se fez de forma muito eficiente sobre as pessoas, independente do gênero.

Por outro lado, é importante demarcar que o feminismo se fortaleceu quando encontrou o caminho da academia, e sendo assim automaticamente excluiu aquelas que não tiveram acesso a ela. Em uma realidade não tão diferente da atualidade, trabalhos acadêmicos, mesmo que idealistas e inovadores, dificilmente alcançam pessoas, e para o movimento feminista esta barreira representou certa debilidade.

Na década de 1970 o feminismo alcançou um momento de exuberância no Brasil e no mundo. Neste decênio foi instituído o dia Internacional da Mulher em 1975, ano extremamente importante para as feministas e suas pautas. Muitos encontros e congressos de mulheres para mulheres ocorreram entre países.

Em “Educação feminista para uma consciência crítica”, bell hooks insere sobre sua extensa experiência enquanto feminista negra nos Estados Unidos durante os efervescentes anos 70 quando a produção de pensamento e teoria feminista passam a ser questionados por mulheres negras e de mulheres de outras etnias sobre preconceito racial como pauta e como esses questionamentos foram importantes para de iniciarem as mudanças de paradigmas.

No Brasil, o feminismo negro começa a ganhar força nos anos 1980. Segundo Núbia Moreira<sup>17</sup>, “A relação das mulheres negras com o movimento feminista se estabelece a partir do III Encontro Feminista Latino-americano ocorrido em Bertioga em 1985, de onde emerge a organização atual de mulheres negras com expressão coletiva com o intuito de adquirir visibilidade política no campo feminista” (2007, p. 1.). A partir daí, surgem os primeiros Coletivos de Mulheres Negras, época em que aconteceram alguns Encontros Estaduais e Nacionais de mulheres negras.

---

<sup>17</sup> 2 Doutoranda em Sociologia-Universidade de Brasília- UNB e professora de Sociologia da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. E-mail: nrmoreira2@yahoo.com.br

A imprensa, assim como a literatura se firmaram como grandes veículos de disseminação de ideais e apoio às reivindicações feministas. Muitas escritoras se posicionavam frente as opressões patriarcais e propuseram reflexões sobre o feminismo.

No mesmo artigo citado anteriormente, hooks (2018) demarca a importância da faculdade e os cursos de mulheres por ela frequentados para que ela pudesse ter aflorada sua escrita voltada para sua vivência como mulher negra. Insere ainda a importância de que uma literatura informativa e que vise ajudar a formar indivíduos deva ser escrita em uma vasta gama de estilos e formatos. Foi também a própria teórica quem introduziu o estudo de escritoras negras sob a ótica feminista nos cursos de pós-graduação estadunidense. A intelectual afirma que Toni Morrison<sup>18</sup>, autora sobre a qual se debruçou, havia escrito importantes reflexões sobre a situação da mulher negra em sociedade americana e que provavelmente pela barreira de raça/gênero nunca havia sido estudada como intelectual feminista.

Em se tratando de literatura brasileira o cenário não é tão diferente, fora da academia ou dos círculos culturais canônicos, as mulheres brasileiras ficaram excluídas do âmbito da literatura, dentre tantos privilégios o homem branco também detinha poder literário, mesmo aquelas que pelo poder aquisitivo conseguiam escrever era necessário o uso de pseudônimos para conseguirem ser lidas. No entanto mesmo não possuindo muitas chances para se dedicarem à escrita, as mulheres sempre ocuparam lugar de destaque na literatura protagonizando personagens caracterizadas pela ótica masculina, como exemplos Capitu, de Machado de Assis em *Dom Casmurro*; *A Moreninha*, de Joaquim Manuel Macedo, *Iracema*, *Senhora*, *Lucíola*, todas de José de Alencar, entre tantas outras.

A filósofa Judith Butler, em seu livro *Problemas de Gênero* (2011), aponta que, na verdade, a mulher foi durante todo esse tempo, não apenas representada, mas mal representada na literatura. Butler afirma que o discurso feito pelo outro é sempre uma versão, nunca consegue representar na totalidade e com fidelidade; e ainda, é feito com determinados objetivos.

No capítulo anterior, discutimos sobre a representação da mulher negra em âmbito cultural e literário no Brasil, e quais os objetivos o homem branco, dominante dos meios culturais, ou pelo menos pensando-se ser, teria em manter tais representações.

---

<sup>18</sup>Toni Morrison (1931-2019) foi uma escritora, editora e professora estadunidense, recebeu o Nobel de Literatura em 1993.

Dito isso, antes de cumprir o objetivo de analisar mais profundamente a literatura feminina negra de Carolina Maria de Jesus e Conceição Evaristo no âmbito do feminismo negro enquanto vivência, é relevante periodizar o percurso histórico da escrita literária feminina no Brasil a fim de esmiuçar o objetivo de dar conceito revolucionário e transformador a escrita dessas mulheres.

A pesquisa intitulada “Literatura e feminismo no Brasil: trajetórias e diálogos” desenvolvido por Constância Lima Duarte faz uma recapitulação de uma possível trajetória que demarca o percurso das mulheres na literatura brasileira, e busca identificar pontos comuns com o movimento feminista. Segundo Duarte é possível iniciar essa demarcação já no século XIX e que a pesquisadora vai chamar de primeira onda, (importante inferir que esta demarcação difere da demarcação histórica de das ondas do feminismo) quando a legislação permitiu que meninas frequentassem escolas públicas, a pesquisadora faz uma importante citação concordando com a pensadora Zahidé Muzart quando afirma que:

[...] no século XIX, as mulheres que escreveram, que desejaram viver da pena, que desejaram ter uma profissão de escritoras, eram feministas, pois só o desejo de sair do fechamento doméstico já indicava uma cabeça pensante e um desejo de subversão. E eram ligadas à literatura. Então, na origem, a literatura feminina no Brasil esteve ligada sempre a um feminismo incipiente (1999, p. 267).

A partir desta citação, Duarte resgata nomes de mulheres que estiveram ligadas a publicações de textos com manifestações e reflexões feministas. Nísia Floresta (1810-1885) tem seu nome destacado como primeira brasileira que rompeu com os limites pré-estabelecidos do privado por publicar textos nos anos 1830, que questionavam e ridicularizam a ideia dominante de superioridade masculina, bastante influenciada por feministas europeias, mas sobretudo partindo de suas próprias experiências.

O final do século, a partir de 1870 foi marcado pelo surgimento de muitos jornais femininos e vai ficar caracterizado pela pesquisadora por ser menos literário e mais jornalístico, ela destaca dentre tantos o nome de Josefina Álvares de Azevedo (1851-?) que dirigiu importante jornal no eixo Rio – São Paulo e publicava textos de tom combativos a fim de provocar questionamentos sobre a construção ideológica que pesava sobre o gênero feminino e exigia transformações radicais na sociedade.

O movimento sufragista marcou e intensificou o início do século XX, neste momento Duarte destaca a atuação de Bertha Luz (1894-1976) e Maria Lacerda Moura (1887-1945) atuantes a frente nas movimentações que logravam à libertação total da



mulher através de publicações de livros desafiadores da ordem social vigente. Nesse momento também surgiram as anarco-feministas ligadas às causas das mulheres operárias. No campo literário a pesquisadora evidencia nomes como o de Rosalina Coelho Lisboa (1900-1975) que em 1921 conquistou o primeiro prêmio no concurso literário da Academia Brasileira de Letras, com o livro *Rito pagão* e o de Gilka Machado (1893-1980) publicou, em 1918, um livro de poemas eróticos, *Meu glorioso pecado*, logo considerado um escândalo por afrontar à moral sexual patriarcal e cristã.

Ainda no recorte da professora Constância Lima Duarte é citado os nomes de Mariana Coelho (1872-1954) conhecida como “Beauvoir tupiniquim” que publicou *A evolução do feminismo: subsídios para a sua história, em 1933*, e o Rachel de Queiroz (1919-2003), não assumidamente feminista, mas cuja vida e obra figuram como exemplo de emancipação da mulher escritora brasileira. Além disso, seus romances, como *O quinze* de 1930 trazem à tona, através das personagens, as demandas de mulheres ainda não lembradas pelo movimento feminista, para as quais, a realidade, além das opressões de gênero, imbricava agudas questões sociais. Importante lembrar que Rachel de Queiroz é um dos nomes mais importantes para o importante e já citado movimento da Revolução de 30.

É também neste momento em que ocorre uma mudança dos paradigmas literários o ponto que melhor reconfigura a opção sociológica da literatura em virtude de funcionar como um instrumento de conscientização de pessoas a fim de provocar transformações relevantes na sociedade.

Duarte vai apontar ainda a evolução da escrita literária feminista brasileira nos anos 1970 e posteriores, quando no Brasil, além de pensar na questão do sufrágio feminino o momento histórico exigia que as mulheres do movimento feminista se juntassem à luta pela a redemocratização e a anistia durante a ditadura militar. Este período vai acirrar o uso das letras para posicionamentos políticos ideológicos. Na década de 1980, mais uma vez sob a influência da Europa e dos Estados Unidos, acadêmicas feministas levaram o feminismo para as universidades alavancando-o para um debate teórico o que expunha a marca de exclusão de muitas mulheres na discussão.

Neste momento as mulheres negras se encontravam diante de uma dualidade, ao apoiarem o sufrágio feminino implicava que elas estavam a aliar-se às mulheres brancas ativistas que tinham publicamente revelado o seu racismo, mas ao apoiarem apenas o sufrágio do homem negro estavam a endossar a ordem social patriarcal que não iria conceder-lhes nenhuma voz política.

Traçar as alteridades literárias brasileiras sobre as perspectivas das escritoras feministas nos ajuda a entender a necessidade de se cunhar o feminismo negro também na literatura, pois vimos que apesar de o feminismo hegemônico carregar em seus ideais a ideia de igualdade e sororidade, mulheres negras e suas subjetividades não estavam inclusas ou representadas, como pode ser constatada na cronologia idealizada pela pesquisa de Constância Duarte, nem como autoras nem como sujeitas.

Diante disso, nos cabe pensar sobre as alteridades literárias dessas mulheres e em que medida o feminismo que se configurou em opressões eurocêntricas e colonizadoras atende as demandas de mulheres que não possuem o acesso acadêmico e que foram brutal e diretamente atingidas por processos de marginalização oriundas do colonialismo europeu.

Se a história do feminismo negro americano vai mostrar que Sojourner Truth ainda no século XIX foi a primeira mulher a erguer a voz e problematizar as singularidades entre brancas e negras em um discurso público que marcou o início de um novo pensar feminista; no Brasil quem adentrava essa cena, majoritariamente branca para fazer tais apontamentos foi Lélia Almeida Gonzalez (1935-1994) que vinha publicando textos em revistas e em 1982 publicou “E a trabalhadora negra, cumé que fica?”, lançada no jornal *Mulherio* em 1982, a autora denunciava que esta não seria admitida nos postos de trabalho onde era exigida a “boa aparência”, restando à ela a invisibilidade do emprego doméstico, o que diria hoje face à precarização ainda maior das relações de trabalho, que insiste em reservar às mulheres negras as ocupações subalternas e de condições degradantes?

Os apontamentos de Gonzalez e de outras intelectuais e ativistas negras, que vinham exercendo uma reformulação teórica e prática nos movimentos sociais, a saber, o movimento negro e o movimento feminista, despontam como as primeiros a teorizar sobre as urgentes e necessárias demandas da negritude brasileira com igual afinco para homens e mulheres, no entanto, ao ter contato com o legado deixado por estas feminista ativistas me vi pensando nos relatos de Carolina Maria de Jesus e nos seus posicionamentos feminista no dia a dia, em como se orgulhava da raça e tornou-se naturalmente empoderada.

Desta maneira, pensando as perspectivas literárias negras, seja política ou não, observo que existem barreiras para que elas sejam estudadas de maneira linear, uma vez que é sempre necessário fazer um resgate ou uma reelaboração de determinados autores,

pois quando se trata de sujeitos racializados a cor da pele passa a vigorar como impedimento do reconhecimento de suas intelectualidades e suas lutas.

Idealizar a escrita negra feminina no Brasil é ao mesmo tempo idealizar uma escrita de resistência, já que também nos campos das artes impregnou-se o racismo epistemológico com afimco em uma disputa de narrativas na qual a soberania branca age de maneira a não perder este lugar e usa de estratégias como o embranquecimento de intelectuais negros através da história ou apagamento destes.

Um grande exemplo disso e pensando a escrita de mulheres negras é o romance *Úrsula* (1859) escrito pela maranhense Maria Firmina dos Reis (1822-1917) que inaugurou a presença da mulher negra na literatura brasileira e negra-brasileira enquanto sujeita de sua história e como tal, Firmina, que nunca se casou, foi uma grande abolicionista e agia em prol da educação dos não favorecidos. Este romance, resgatado recentemente pela PUC Minas e posteriormente por várias outras editoras em virtude do centenário de morte da autora traz todas as tramas de um bom romance, “além de ter como personagens importantes, dois escravizados que ditam uma nota diferente dos romance da época pois pela primeira vez o negro tem voz e, pela memória, vai trazendo ao leitor uma África outra, uma terra de liberdade”<sup>19</sup>, possibilitando que a literatura mostre pela primeira vez que a história do negro não teve início com a escravidão.

Mas é somente em 1960, em plena efervescência dos movimentos sociais no Brasil, com a publicação de *Quarto de Despejo: diário de uma favelada*, de Carolina Maria de Jesus que a escrita negra feminina, ainda não vista como feminista ganha visibilidade e se fortalece no decorrer dos anos de 1970, com o surgimento dos *Cadernos Negros*. Desde então o movimento negro e o feminista ganharam força, influenciando nossa sociedade e conseqüentemente nossa literatura. Dentre as grandes conquistas desses movimentos, o direito a palavra foi um dos mais significativos, já que esta é a maneira que temos para acessar o mundo. A escrita negra feminina, que é o objeto desta pesquisa é um elemento comum dos movimentos, negro e feminista.

Desta maneira evoco o pioneirismo de Carolina Maria de Jesus como alteridade literária feminista negra, que parte do cotidiano e usa a linguagem escrita como canal para manifestar o vivido ansiando torná-lo melhor.

---

<sup>19</sup> Orelha do livro. REIS, Maria Firmina dos. *A escrava: conto*. 6. ed. Belo Horizonte: Editora PUC Minas, 2017.

## 2.2 Feminismo negro e o pioneirismo de Carolina Maria de Jesus

Buscando romper os muros da miséria e do silêncio, Carolina de Jesus despontou para as letras com muita assertividade e pensamento crítico, não é possível lê-la sem ser convidado a profundas reflexões de raça, de classe e de gênero.

Recorro aos próprios relatos da autora para me embasar de algumas de suas ações feministas e salientar sua ciência em registrar com orgulho tais ações, no intuito de se apresentar ao público como uma mulher que enxerga além das realidades que lhe foram impostas, fazendo isso recorro às teóricas feministas selecionadas nesta pesquisa para cientificar essas atitudes.

Já foi discutido nessa pesquisa que existe na sociedade brasileira um lugar marcado para mulheres negras, estes lugares são conceituados por Patrícia Hill Collins<sup>20</sup> como “imagens de controle”, e aproximada para a realidade brasileira pela estudiosa Winnie Bueno<sup>21</sup>, que traduz e interpreta Collins, esta grande pensadora da atualidade. Em linhas gerais, “imagens de controle” é uma ferramenta de análise para compreensão das matrizes de dominação. Considero a relação de mulheres negras ao exercício único e direto ao trabalho doméstico servil como uma dessas imagens de controle.

As imagens de controle também podem ser consideradas símbolos que buscam restringir a autonomia de mulheres negras, também sendo utilizadas como forma de naturalização das consequências do racismo e do sexismo a partir da inevitabilidade (BUENO, 2020, p. 79).

As biografias de Jesus informam que a escritora trabalhou em diversas casas de família como empregada doméstica e cozinheira iniciando-se nesse serviço ainda muito jovem e seguindo a profissão de sua mãe, dona Cota ou Maria Carolina de Jesus e outras mulheres da família. Importante lembrar que a família da escritora é herdeira direta do contexto do período de escravização no Brasil, uma vez que, segundo Tom Farias<sup>22</sup>, que os avós maternos foram escravizados.

---

<sup>20</sup> Professora emérita do Departamento de Sociologia a universidade de Maryland, College Park. Foi a primeira presidenta negra da Associação Americana de Sociologia e publicou diversos livros entre os quais Pensamento feminista negro trazido no Brasil pela Editora Boitempo.

<sup>21</sup> Iyalorixá, mestra em Direito pela Universidade do Vale do Rio dos Sinoscom. Sua pesquisa é dedicada ao pensamento de Patrícia Hill Collins. Fundadora da @winniteca.

<sup>22</sup> Carioca, jornalista, escritor, crítico literário, pesquisador, biógrafo, dramaturgo e roteirista. Finalista do Jabuti (2009) coma biografia de Carolina Maria de Jesus.

Falando deste lugar de empregada doméstica em *Diário de Bitita* (1982), Jesus faz um breve relato de sua experiência e deixa registrado que este lugar muito lhe incomodava devido ao tratamento que recebia dos patrões e das diversas situações em que sofreu humilhações e desconfianças ou ficou sem receber dignamente pelo seu trabalho. “Prefiro pedir esmolas do que trabalhar para os fazendeiros.” (JESUS, 1982 p.149).

As relações com suas patroas e sua negação ao lugar marcado como doméstica que socialmente relegava-se a ela estão registrados nos manuscritos da escritora os quais foram acessados por seu biógrafo que cita os versos de não contentamento da poetiza,

Quando eu era empregada  
Sofri tanta humilhação  
As eu tinha vontade  
De dar uma surra no patrão

Era um patrão malcriado  
Não deixa eu parar um segundo  
E o diabo ainda falava  
De mim, para todo mundo

Obrigava eu levantar  
A uma da madrugada  
E ainda andava dizendo  
Esta malandra, não faz nada.

Se a gente dá um passo,  
O diabo está sempre atrás  
Vive sempre pondo defeito  
Em todo serviço que a gente faz

Não gostei de trabalhar,  
Foi para os donos da pensão,  
Que quer tudo muito limpo  
Mas não quer comprar sabão.

Se a gente dá um passo  
A diaba está sempre junto  
Vive sempre observando,  
Se a empregada come muito.

De fato, os patrões não aceitavam a recusa de Carolina em estar no lugar subalternizado, por isso os maus tratos, deboches e humilhações, a esta altura o sonho de ser escritora já marcava sua trajetória e como forma de protesto deixava registrado alguns de seus versos quase ativistas nas paredes das patroas disposta a aborrecê-las, enxergo este ato como revolucionário.

Segundo Bueno (2020), as imagens de controle, ao constituírem dimensões do racismo e do sexismo, provocam um processo de resistência que se articula de diversas

maneiras e não universais para as mulheres negras. Assim, ocorrem por razões diversificadas tal como num processo natural de autodefinição. Nesta pesquisa a escrita de Carolina Maria é concebida como uma ação política social e de defesa de opressão.

O sonho de ser uma escritora reconhecida e o obstinado gosto pela leitura já representava um ato transgressor de Carolina Maria de Jesus, pois a escrita sempre esteve associada ao poder e o poder relacionado a classe dominante. Escrever uma narrativa confessional pode ser considerado um exercício de autoconhecimento que fortalece a consciência e potencializa o próprio ato de escrita como ato político, redimensionando um gesto individual e solitário em um ato coletivo. É elemento chave para esta pesquisa a representação dos livros na história de mulheres negras. Os livros representaram o sonho mais tarde realizado e a concretização da mudança de paradigmas. Aqui os livros simbolizam o acesso e a chave que abre portas para o conhecimento e para ascensão social. Os livros também representam comunicação e o acesso às gerações que ousam e ousaram questionar a história e a produção epistemológica dominante.

A afeição da escritora mineira pelos livros e pela escrita se manifesta em sua vida, de forma muito natural, em várias de suas biografias estão sinalizados que logo que chegou a São Paulo, em 1937, contando 22 anos de idade e um pouco decepcionada com a cidade grande e o modo como agiam as pessoas tratou de procurar jornais e revistas em um árduo trabalho de oferecer seus textos para publicação, principalmente as poesias, conseguindo publicar algumas no início dos anos 40 quando também concede algumas entrevistas com destaque para *Folha da Manhã*, 25 de fevereiro de 1940 cujo título foi “Carolina Maria, poetiza preta”.

Elzira Divina Perpetua<sup>23</sup> sustenta a ideia de que esse percurso de reportagens sobre Carolina antes da publicação do primeiro livro preparam o público para a acolhida de sua escrita identificando nesse ato uma tentativa de moldar uma personagem que mais tarde iria impressionar o público, como se existisse um desejo involuntário comum dos jornalistas em “metaforizar o real”<sup>24</sup>, transformando em história vendável, uma mulher real de sonhos reais. As entrevistas que publicavam sobre a “poetiza preta” não davam conta de que o exercício da escrita para essa mulher não significava um ato exótico de

---

<sup>23</sup> Estudiosa de vida e obra de Carolina autora de *A vida escrita de Carolina Maria de Jesus* (2014) Editora Nandyala.

<sup>24</sup> Expressão que intitula artigo “Biografar é metaforizar o real” da professora Eneida Maria de Souza (UFMG).

um ser improvável não alçado para tal tarefa e sim uma forma de sobrevivência e uma legítima tentativa de ser reconhecida pelo que fazia.

No empenho de viver de e para a literatura a escritora alimentava-se do cotidiano para ter inspiração foi inevitável para ela não manter diários, cujo alguns dos que foram publicados tornaram-se corpus desta pesquisa. Diários são, a meu ver, além de atos autobiográficos, sem abandonar o ficcional, um esboço de memórias. Assim como grandes nomes da literatura mundial, mulheres inclusive, como Silvia Plath, Virgínia Wolf e a própria Simone de Beauvoir, Carolina Maria vai embeber sua literatura de reminiscências.

Refletindo sobre o ato de projetar memórias na literatura, diante dos muitos estudos da crítica literária sobre a autobiografia escolho em síntese recorrer ao Pacto Autobiográfico de Philippe Lejeune (2008) que define a autobiografia como uma “narrativa retrospectiva em prosa que uma pessoa real faz de sua própria existência, quando focaliza sua história individual, em particular a história de sua personalidade” (LEJEUNE, 2008, p. 14). Segundo o teórico francês, para existir literatura de caráter pessoal (autobiografia, diário, memórias) é necessário haver uma relação de identidade e identificação (dado pelo nome) entre o autor que tem seu nome estampado na capa, narrador e a pessoa de quem se fala. O próprio Lejeune reconhece a impossibilidade de uma diferenciação entre autobiografias e romances autobiográficos a partir de uma análise meramente textual, pois procedimentos narrativos de uma autobiografia são os mesmos em textos ficcionais, é precisamente essa identidade do nome entre autornarrador-personagem que vai firmar com o leitor o “pacto autobiográfico”, “a afirmação, no texto, dessa identidade, remetendo, em última instância, ao nome do autor, escrito na capa do livro” (p. 26).

No entanto, diários íntimos e autobiografias são escritos por motivos variados e podem responder a necessidades de confissão, de justificação ou de invenção de um novo sentido. Na combinação destes três aspectos encontro sentido nas sustentações de Patrícia Hill Collins sobre a importância da autodefinição para as mulheres negras que “sendo capazes de usar a extensão plena da própria voz e tentando expressar a totalidade do “eu” o fazem por uma tradição das escritoras negras (COLLINS, 2019, p. 183). A socióloga analisa a afirmação do “eu” em letras de música, nos *blues* como forma de solucionar uma situação problemática criada pela própria narrativa musical. E desse modo que a afro-americana Patrícia Hill Collins desvenda uma longa tradição feminista entre mulheres negras com base no pensamento daquelas que desafiaram ideias hegemônicas

da elite masculina branca expressando uma consciência sobre a intersecção de raça e classe. De tal maneira que sendo possível transportar a teoria de Collins para a arte literária em análise distingo t importantes pontos de autodefinição em relatos de Carolina Maria de Jesus enquanto plausível narradora do eu.

Primeiro ao reconhecer a existência de imagens de controle associadas às pessoas negras, no exercício individual de suas ações diárias, ao transcrevê-las, no entanto, possibilita ao leitor questionar a validade das representações racistas vinculadas às mulheres negras e aos homens negros, e a partir do próprio exercício intelectual constrói imagens legítimas que representam a realidade sobre si.

Carolina Maria, subverte ainda outro estereótipo que é comumente associado a mulheres negras o de serem definidas como duronas e ou barraqueiras, muitas vezes perigosas, principalmente se moradoras de periferia. Em passagem em 7 de julho de 1958 narra que ao tentar catar lenha é impedida por um homem sofre ameaças de violência e é chamada de maloqueira, por não aceitar o racismo do homem afirma:

– Eu sou da favela do Canindé. Sei cortar de gilete e navalha e estou aprendendo a manejar peixeira. Um nordestino está me dando aulas. Se vai me bater pode vir.

Comecei apalpar os bolsos.

– Onde é que está minha navalha? Hoje o senhor fica só com uma orelha. Quando eu bebo umas pingas fico meio louca. Na favela é assim, tudo que aparece por lá nos batemos e roubamos o dinheiro e tudo que tiver no bolso.

O preto ficou quieto. Eu vim embora. Quando alguém nos insulta é só falar que é da favela e pronto. Nos deixa em paz. (JESUS, 2007, p. 84).

Ao ter conhecimento dos estereótipos diversos que cingem os moradores de regiões periféricas a autora-personagem os identifica e os usa para se defender, porém evita o confronto e de certa maneira ao exercer uma autodefinição arrevesada escancara para o seu leitor os embaraços, obstáculos e impasses que os preconceitos podem causar ao mesmo tempo que demonstra ao senso comum a ineficácia de suas convicções e juízos sobre pessoas de classe inferior. Nessa passagem, de forma extratextual, ou seja, para a pessoa que lê também está marcado o uso da ironia, figura de linguagem frequentemente usado pela escritora para demarcar o racismo, o sexismo e o classismo com os quais é diariamente confrontada, vide a seguinte passagem do dia 23 de junho de 1958:



[...] Fiquei nervosa com a diferença dos preços. O açougueiro me explicou que o filé é mais caro. Pensei na desventura da vaca, a escrava do homem. Que passa a existência no mato, se alimenta com vegetais, gosta de sal, mas o homem não da porque custa caro. Depois de morta e dividida. Tabela e selecionada. E morre quando o homem quer. Eu não sou branca, não tenho nada com estas desorganizações (JESUS, 2007, p. 71).

A escritora demonstra nessa passagem saber identificar a pseudosupremacia branca ao mesmo tempo em que satiriza a lógica do capitalismo e classifica as organizações de domínio branco como desorganizações invertendo a utilidade das mesmas. Ainda ao reafirmar sua negritude, dizendo com certa ufania não ser branca, insurge com uma lógica de que ser negra é melhor, rompendo com a narrativa eurocêntrica colonial criada para inferiorizar não brancos.

Tal atitude de Carolina Maria pode ser idealizada como uma ação de autoavaliação em razão de valorizar autodefinição construída por ela mesma, enquanto mulher negra substituindo as imagens da supremacia branca sobre pessoas negras por representações autênticas.

### **2.3 Literatura e espaços de resistência**

Ao debater o espaço onde se manifesta a literatura destas mulheres abordo de duas formas possíveis o espaço narrativo, ao espaço físico reservado para caber os relatos, ou seja, o quarto de despejo, onde a autora habitou por mais de 20 anos e a casa de alvenaria onde viveu pouco tempo, cerca de 4 anos antes de ir viver no sítio em Parelheiros (SP) e me atento as especificidades da linguagem de Carolina Maria de Jesus em suas literaturas e como ao usá-la faz dela um lugar de resistência.

Nesta pesquisa já mencionei que o processo de abolição da escravidão no Brasil delegou aos negros libertos uma série de vazios. O fim oficial do regime escravista não garantiu a eles nenhum direito nem nenhuma forma de sobreviver, não houveram políticas públicas que garantissem a inserção da população recém liberta no projeto nacional, muito pelo contrário, ao investigar a fundo as questões raciais brasileiras veremos que o projeto político visava mesmo a extirpação dos negros deste território.

Um olhar sobre esse processo histórico ajuda a refletir sobre o contexto social desses espaços da narrativa em primeiro lugar. Precisamente sem ter para onde ir no dia 14 de maio de 1888, muitos ex-escravizados começaram a ocupar as margens da cidade

e a construir com os recursos possíveis lugares onde pudessem habitar, e sabe-se que dessa maneira é que surgem os cortiços e as primeiras favelas.

Enxergar o ponto de partida da construção desses espaços explica por que o surgimento das favelas está diretamente ligado ao sistema capitalista de concentração de renda, desemprego e claro a falta de planejamento político social urbano cujas consequências afetam grandemente a população mais pobre, que também é negra. Em 1982, Lélia teria firmado na escrita que:

O lugar natural do grupo branco dominante são moradias amplas, espaçosas, situadas nos mais belos recantos da cidade ou do campo e devidamente protegidas por diferentes tipos de policiamento: desde os antigos feitores, capitães do mato, capangas, etc., até a polícia formalmente constituída. Desde a casa-grande e do sobrado, aos belos edifícios e residências atuais, o critério tem sido sempre o mesmo. Já o lugar natural do negro é o oposto, evidentemente: da senzala às favelas, cortiços, porões, invasões, alagados e conjuntos “habitacionais” (cujos modelos são os guetos dos países desenvolvidos) dos dias de hoje, o critério também tem sido simetricamente o mesmo: a divisão racial do espaço (GONÇALEZ, 1982, p. 15).

A separação de moradias nas cidades reservando aos mais pobres estas áreas que abrigam habitações precárias, desprovidas de regularização e serviços públicos água tratada, esgoto, escolas, postos de saúde, entre outros, caracteriza uma forma de segregação urbana e marginalização de pessoas. Os espaços da cidade passaram a possuir cor e classe social. Os bairros centrais passaram a ter valores altíssimos, em contrapartida com os bairros periféricos.

Somando ao projeto de eliminação de negros dos espaços públicos e postos de trabalho a imigração do final do século XIX surge como um agravante e acentuou as condições sub-humanas da população mais pobre que acaba por assumir uma condição de invisibilidade na sociedade brasileira. Estas questões demonstram que a abolição da escravidão de fato não foi completa em virtude de não conseguir romper com as heranças escravistas de dominação branca e de perpetuação de modelos sócias racistas e excludentes.

Nesse sentido, *Quarto de despejo: diário de uma favelada* (1960) surge como preenchendo os ecos desta inviabilização ao passo que escancara as mazelas impostas aos viventes desses espaços e as consequências, situações que as classes média e alta brasileiras vinham fingindo ignorar.

Ao narrar sobre o fenômeno que foi o lançamento do livro de Carolina Maria, Tom Farias, afirma que naquela tarde a escritora autografou mais de 600 exemplares.

Conta ainda que os jornais afirmaram que pela primeira vez o verdadeiro povo invadiu a livraria.

Através da escritora a favela sai da margem para impor sua presença, literalmente falando, pois segundo Farias muitos moradores do Canindé foram à livraria certificar da ascensão de Carolina Maria, que pensando no sistema de classes no Brasil representava uma ascensão coletiva, partida necessariamente da possibilidade de acesso intensamente negado.

A ressignificação do espaço da favela tem sido pauta atual para o movimento feminista negro, no entanto começou a ser debatido pelo Movimento Negro Unificado já nas décadas de 70/80 inclusive pela historiadora Beatriz Nascimento (1942-1995) cuja ideia de construção de barracos na favela está diretamente ligada à insurgência dos quilombos, ou seja, na ausência do poder público, construir a própria moradia e a constituir formas de se auto cuidar e sobreviver é uma forma de resistência.

Segundo a estudiosa Beatriz Nascimento (2008), o fenômeno quilombo caracteriza-se por uma unidade através do tempo, uma vez que, durante sua trajetória serviu de símbolo com conotação de resistência étnica e política, assim ocorre com o território da favela. Para a historiadora o quilombo, no período colonial, acompanha os contextos dos “ciclos” econômicos do Brasil, Beatriz Nascimento (2006, p. 121) evocando bell hooks, propõe que sejam encarados como “sistema sociais alternativos”, assim como a favela que se ocupa da margem para alcançar os centros.

Por esta visão comprometida com a ideia da força e resistência quilombola a literatura negro brasileira é instrumentada a assumir a característica denunciativa e reivindicativa. Quando Carolina resgata e publica sua experiência de mulher preta dentro do espaço urbano, onde seu próprio corpo representa a favela, verifica-se que seu enfrentamento através da escrita nasce de uma intelectualidade que lhe é orgânica.

A representatividade da autora vai além da questão do âmbito urbano que ela habita, e também além da questão racial, existe em seus relatos um projeto político que se realiza através da literatura, motivo qual talvez tenha sido tão subjugada. Ela sinalizou o acesso do povo a um tipo de cultura até então bastante hermética.

As discussões trazidas pela publicação de *Quarto de despejo*, além de obrigar a sociedade a admitir a existência de um espaço localizado em seus entornos, obrigou também a reflexões sócio políticas, como racismo, reforma agrária e reforma urbana.

No imaginário coletivo pós-colonial da época, uma mulher negra não deveria produzir civilização, haja vista o seu sítio seja ele físico ou simbólico, quanto mais

produzir cultura, ter consciência de classe, ter orgulho de sua cor e pensar a sociedade e a política de forma tão contundente e equilibrado como fez Carolina Maria de Jesus.

Essa revolução causada pela escritora improvável, como diria Joel Rufino, um dos pesquisadores da vida e obra de Carolina, se fez possível por que a escritora teve obstinado desejo em se realizar intelectualmente, sempre lendo e escrevendo e principalmente recusando a fixação de seu corpo para uma só função, a da subalternidade, em uma demonstração de consciência de si.

A discussão sobre consciência de si, leva a evocar o estudo da psicanalista Neusa Santos Souza que publicou sua dissertação de mestrado discutindo o lugar e o não lugar do negro e o tornar-se negro na sociedade brasileira, além de dizer que uma das formas de “exercer autonomia é possuir um discurso sobre si mesmo” dizer que este discurso precisa ser fundamentado em conhecimento concreto da realidade.

A pesquisadora Gislene Aparecida dos Santos atualiza a proposta da psicanalista relativas as questões sobre o “ser negro”, e afirma que, para que a população negra tivesse uma “consciência de si”, “seria necessário que os indivíduos negros pudessem produzir conhecimento sobre seu ser e sobre como pertencem e estão inseridos na sociedade, ou melhor pudessem expressar a forma como pensam o mundo e são pensados por ele” (SANTOS, 2004, p. 79). Consoante ao pensamento das intelectuais negras citadas é possível inferir o trabalho pioneiro de Carolina Maria de Jesus, por tratar conscientemente das inquições coletivas do território como também temas pertinentes a questão da raça.

Considerado por muitos até hoje como um verdadeiro documento histórico e denunciativo, a primeira publicação da escritora, a meu ver, inaugura a revolução literária no Brasil, a partir das mãos e do olhar do esquecido para o qual a literatura, a escrita em si, desenvolve a função de ser um instrumento de resistência.

Neste processo, sem romper com as categorias ocidentais, que se referem a toda bagagem cultural herdada, ou imitada da cultura europeia, a autora construiu uma alternativa ao racismo epistêmico reestruturando seu pensamento a partir do seu saber diaspórico, uma vez que percorreu longa jornada para sobreviver e para escrever. Assim pela força da escrita subverte os processos de construção de um cânone literário nacional.

Evoco o crítico Antônio Candido em artigo intitulado “O direito a literatura” no qual define a literatura como um dos direitos básicos do homem como maneira indispensável de sobreviver pelo seu imaginário, projeto essa afirmação sobre os diários de Carolina Maria de Jesus, não porque a literatura a distraia da realidade, e sim porque lhe dá amparo e possibilita uma elaboração do real. A escritora produz em sua obra uma

representação para o Brasil, para os brasileiros e para si, diferente do que se encontrava na literatura brasileira até então, pois sabemos que esta vinha sendo produzida a partir do apagamento da racialidade.

Em literaturas com perspectivas histórico-sociais, como é o caso das autoras estudadas, Candido entende que “a eficácia humana é função da eficácia estética”, sendo assim ‘o que na literatura age como força humanizadora é a própria literatura, ou seja, a capacidade de criar formas pertinentes” (CANDIDO, 2004, p. 182). Nos relatos autobiográficos de Carolina Maria encontra-se o exercício de uma literatura que demonstra na sua base, na forma como é escrita que não existe um padrão, todas são validas e viáveis.

Em *Diário de Bitita* (2014) a autora faz uma elaboração narrativa de um Brasil pós-abolição na mesma proporção em que faz o leitor mergulhar em dolorosas recordações de sua infância e adolescência até chegar a cidade de São Paulo pela primeira vez em 1937 com 24 anos. A obra remete ao começo do século XX, entre as transições das repúblicas e revela a realidade vivida pela população negra brasileira no Sudeste em busca de desenvolvimento econômico depois de poucos anos após a assinatura da Lei Aurea.

Quando os pretos falavam: -Nós agora estamos em liberdade. Eu pensava: Mas que liberdade é essa se eles têm que correr das autoridades como se fossem culpados de crimes? Então o mundo já foi pior para os negros? Então o mundo é negro para o negro, e branco para o branco! (JESUS, 1982, p. 59).

Nele temos uma autora madura que compreende sua escrita e poética, é possível identificar uma Carolina ainda mais consciente em relação ao mundo e dos temas que permeavam a sociedade. Com base em suas memórias, algumas “descobertas” vão sendo elaboradas, ser mulher negra e pobre e poetisa, claro. As revelações vão sendo feitas à medida que a autora vai crescendo. “Eu sabia que era negra por causa dos meninos brancos. Quando brigavam comigo diziam: negrinha! Negrinha fedida! ” (JESUS, 1982, p. 95), a raça sempre lhe é um marcador de lugar para lhe empurrar a subalternidade, e é desta maneira e procurando resistir a isso que a autora/personagem constrói e entende sua identidade.

Existe ainda nesta obra póstuma um tom de denúncia utilizado de forma lúcida e crítica de quem experiencia o racismo, as desigualdades sociais e a questão de gênero. Partindo de situações aleatórias, porém lineares e que com certeza marcaram sua infância,

divulga as arbitrariedades das autoridades para manter à margem quem já sobrevivia sob o efeito do colonialismo, “a escravidão é uma cicatriz na alma do negro” (JESUS, 1982, p. 61). Aliás, os apontamentos dos resquícios do escravismo são muito recorrentes em toda obra da escritora, mas é muito bem demarcado em *Diário de Bitita* (1982) no qual fica evidenciado o quão necessário é refletir criticamente a escrita de vozes que emergem como a de Carolina que foi pioneira com *Quarto de despejo: diário de uma favelada* (1960) em que também obriga à discussão de temas que incomodam a sociedade inclusive nos dias atuais.

O *Diário de Bitita* (1982) possui uma atualidade tão profunda que nele já há uma reflexão sobre meritocracia, tema muito debatido no âmbito de políticas públicas para população menos favorecida no Brasil. “O filho do pobre, quando nascia, já estava destinado a trabalhar na enxada. Os filhos do rico eram criados nos colégios internos. Era uma época em que apenas a minoria recebia instruções. A minoria alfabetizada desaparecia” (JESUS, 1982, p. 46), na citação a autora problematiza sobre a impossibilidade de pessoas pobres no acesso à alfabetização e ao conhecimento, como ela própria que frequentou apenas dois anos da escola primária garantido por caridade, onde encontra uma professora com métodos nada pedagógicos, episódio narrado que desperta leitores para importância da leitura.

Importante enfatizar que o ato de erguer a voz, neste caso, através da escritura de atos autobiográficos tem sido prático de feministas com objetivo de encorajar leitoras, especialmente as de grupos oprimidos e explorados que lutam para romper o silêncio. Como elucidada bell hooks “encontrar nossa voz e usá-la, especialmente em atos de rebelião crítica e de resistência, afastando o medo, continua a ser uma das formas mais poderosas de mudar vidas por meio do pensamento e da prática feministas”.

Os atos discursivos são quase irrelevantes quando o que está em jogo é o posicionamento frente às injustiças perenes da sociedade, nesse sentido *Quarto de despejo: diário de uma favelada* (1960) é uma formalização estética da neocolonialidade brasileira, e como diria Beatriz Nascimento, a colonialidade é a outra face da modernidade. Essa narrativa inquieta sobre o outro lado do progresso que encurrala pessoas em espaços inconcebíveis de sobrevivência, feita sob o olhar inquieto de quem vive e conta está história demonstra o talento da autora na reconstrução textual do cotidiano no qual a fome é personagem estável. Como se vê no trecho selecionado:

27 de maio de 1958: a tontura da fome é pior que a do álcool. A tontura do álcool nos impele a cantar. Mas a da fome nos faz tremer. Percebi que é horrível ter só ar dentro do estomago. Comecei a sentir a boca amarga. Pensei: já não basta as amarguras da vida? [...] O León pegou o papel, recebi seis cruzeiros. Pensei em guardar para comprar feijão. Mas vi que não podia porque meu estomago reclamava e torturava-me. ...Resolvi tomar uma media e comprar um pao. Que efeito surpreendente faz a comida no nosso organismo! Eu que antes de comer via o céu, as arvores, as aves tudo amarelo, depois que comi, tudo normalizou-se aos meus olhos.

[...] A comida no estomago é como combustível nas máquinas. Passei a trabalhar mais depressa. O meu corpo deixou de pesar. Comecei andar mais depressa. Eu tinha impressão que eu deslisava no espaço. Comecei sorrir como se estivesse presenciando um lindo espetaculo. E haverá espetáculo mais lindo do que ter o que comer? Parece que eu estava comendo pela primeira vez na minha vida (JESUS, 2007, p. 45-46).

Este e outros trechos da primeira publicação da escritora demonstram uma grande capacidade de ficcionalizar e um modo de pensar poético com intenção de se organizar a escrita para chegar ao leitor, apresentando um recurso estilístico e uma maneira bem particular de organizar conclusões e definir certas estruturas no texto.

Os recursos de linguagem permitem a criação de uma narração contundente sobre a experiência vivida, como metaforizar a fome como amarela em várias passagens. Ou situar a favelas como sendo o “quarto de despejo das cidades” em contraposição a sala de visitas que seriam os centros urbanos pavimentados e embelezados.

A comparação e a ironia também são figuras de linguagem muito exploradas pela autora: “a Vera começou a pedir comida. E eu não tinha. Era a reprise do espetáculo...” E assim no dia 13 de maio de 1958 eu lutava contra a escravatura atual – a fome! (JESUS, 2007, p. 32), nessa passagem ela sugere que o pedido de comida da filha é um episódio recorrente que, portanto, endurece suas emoções, não quer ver os filhos passando fome não a afligisse, a dor é sentida, e pode ser encarada por alguns leitores como um lamento da escritora, mas como ocorre a mediação da palavra esta dor tem uma reelaboração chamando a atenção do leitor para o modo como a mãe aflita se vale da imaginação e do dom da escrita para rir, como num ato de esperar. E são várias as formas com que ela transfigura a vida na escrita usando habilmente do poder criativo ao brincar com as palavras sublimemente.

[...] O céu é belo, digno de contemplar porque as nuvens vagueiam e formam paisagens deslumbrantes. As brisas suaves perpassam conduzindo os perfumes das flores. E o astro rei sempre pontual para despontar-se e recluir-se. As aves percorrem o espaço demonstrando contentamento. A noite surge as estrelas cintilantes para adornar o céu azul. Há várias coisas belas no mundo que não é

possível descrever-se. Só uma coisa nos entristece: os preços, quando vamos fazer compras. Ofusca todas as belezas que existe (JESUS, 2007, p. 44).

As palavras registradas no diário da escritora no dia 23 de maio de 1958 revelam seu forte projeto estético e indicam sua estreita relação com a poesia, seu ideal poeta é elaborado em vários de seus gêneros e desabrocha em seus diários, pois idealizava que a escrita deveria ser bonita e deveria tocar o leitor de alguma maneira. Sua observação do real e a elaboração da escrita do real não é tão comum de se encontrar na literatura.

Dessa forma, preciso lembrar que embora o diário seja um texto que parte da experiência e observação do real, ou seja, a vida cotidiana construída enquanto texto, ele é composto pela mediação da palavra e essa palavra é literária, tão literária que atravessa a própria lógica da representação, porque a escritora constrói uma narrativa tão elaborada que de fato parece muito natural aquilo que está sendo descrito, a ponto de nos dar a ideia de que o que se lê é uma transcrição fidedigna.

Atenta ao modo de fazer literário de Carolina de Jesus, embora debruçada com maior afinco sobre os textos em versos e inéditos, a pesquisadora Raffaella Fernandez, Instituto de Estudos da Linguagem (IEL) da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) defende que o aspecto informativo da obra da escritora merece ser relativizado justamente pela presença do universo ficcional. “Há memória na ficção e ficção no testemunho”. A pesquisadora defende também a superação dos limites da literatura “de periferia, marginal” a que Carolina é frequentemente circunscrita. Raffaella organizou e promoveu a publicação do livro *Onde estaes felicidade?*, com dois contos inéditos da autora, em 2014 em seu trabalho acadêmico, ela define a produção de Carolina como uma “poética de resíduos”, na qual se misturam discursos e gêneros literários e não literários, e faz questão de aproximar a atividade de catadora de papel à de escritora. “A literatura de Carolina também sobrevive de uma catação de discursos”.

Denominando “caroliniana” a linguagem empregada pela autora, vislumbrando aplicar ainda maior individualidade ao fazer literário da mesma, Fernandez ressalta que a natureza memorialística salta em seu discurso como feitiço eternizador de si mesma, sob o desejo de ficar para a posteridade, “Carolina de Jesus parece arquivar um futuro”, assim a presente figura eternamente. Por isso, o processo criativo da autora não só presenteia o leitor com diversas reflexões como também busca embelezamento e encontros com a literatura.



Embora autodidata tendo produzido em diversos gêneros textuais, deixando um acervo com diários, peças teatrais, contos, fábulas, romances, crônicas, provérbios, poemas, sambas e valsinhas demonstrando grande versatilidade, a escritora sofreu um processo de editoração muito forte em suas obras que podem ser lidos como possíveis formas de silenciamentos, uma vez que revela certo devir acadêmico a fim de alcançar aceitação.

Em *Casa de Alvenaria: diário de uma ex-favelada* (1963), Carolina narra episódios ocorridos em sua vida entre os dias 5 de maio de 1960 e 21 de maio de 1961, pouco mais de um ano. Justamente o período em que a vida de Carolina dá uma grande guinada, famosa nacional e internacionalmente, sai da favela do Canindé onde morava, e passa a viver em sua tão sonhada casa de alvenaria no Bairro de Santana, na grande São Paulo. A escritora não esconde a sua felicidade em sair da favela, e fala do sonho de morar na alvenaria: “A favela é um quarto de despejo e o meu sonho é residir numa casa de alvenaria. Se eu não soubesse ler teria que ficar na favela até o fim da minha vida” (JESUS, 1961, p. 91).

Neste novo diário a autora faz certa reflexão sobre essa aceitação, sobre o pertencimento e o direito da escrita, sobre poder e acesso a literatura e, sobretudo, de como é ser uma escritora negra em espaço dominado por brancos. Nessa obra encontra-se outra dimensão de espaço e vivência, e o que o leitor pode experimentar é outro ato de resistência e também uma escritora que conflita com a primeira obra, pois nesse momento sabe como falar, o que falar e o poder de sua fala. As análises perpassam as questões raciais, de gênero, socioeconômicas e políticas. “Na minha opinião escreve quem quer”, ao dizer isso, provoca a ideia que a literatura não precisa ser um território cercado e dominado pela elite, abre caminho para se pensar sobre sua sensibilidade estética e elaboração narrativa como um devir e não mais como de determinadas conjugações sociais que classificam autores e escritores como legítimos ou não legítimos.

A consciência e a percepção de mundo de Carolina de Jesus a levam a distinguir o meio em que estava inserida agora: “[...] Tem hora que eu fico pensando: na favela há brutalidade. Eram incultos. Aqui há rivalidades e ambição. Não há sinceridade” (JESUS, 1961, p. 103). Suas críticas estão voltadas principalmente à sociedade, ao regime capitalista e ao cenário atual do Brasil na época.

A terceira oradora fui eu. Citei: fui residir na favela por necessidade. Com o decorrer dos tempos percebi que podia sair daquele meio. Era horroroso pra

mim presenciar as cenas rudes que desenrolava-se na favela como se fosse natural. (...) os favelados são os colonos (referência ao seu poema “O colono e o fazendeiro”). Por ser expoliados pelos patrões abandonaram o campo. Encontraram dificuldades na cidade, que só oferece conforto e decência aos que tem bons empregos. Eles não podem acompanhar a vida atualmente. Devido ao custo de vida são obrigados a recorrer ao lixo ou restos de feira. E conclui: Não adianta falar de fome com quem não passa fome (JESUS, 1961, p. 181).

É perceptível que a escritora pensa a sociedade como um todo, pois partiu de um lugar de vazios e ausências, sobretudo da responsabilidade pública, para ocupar um lugar de privilégios, este período cosmopolita a faz refletir, e ao leitor que a acompanha sobre o pertencimento e o “não lugar”. Ao se referir a um dos jantares que participou com as mulheres da alta sociedade, ela diz: “As mulheres que estavam na minha mesa falavam em reforma social [...] Eu pensava: Elas são filantrópicas nas palavras. São falastronas. Papagaios noturnos. Quando avistam-me é que recordam que há favelas no Brasil” (JESUS, 1961, p. 97).

Carolina Maria parece dizer que qualquer lugar em que uma mulher negra esteja inserida, ela é favelada, uma vez que é o lugar reservado pela mentalidade coletiva aos corpos negros. Nesse ínterim, a antropóloga e professora Lélia Gonzalez enfatiza de forma bem relevante que “a tomada de consciência da opressão ocorre, antes de tudo, pelo racial”. Assim, determina-se que a prioridade das lutas das mulheres negras é o combate ao racismo, pelo fato de haver um grupo dominante dentro do movimento feminista, que é o das mulheres brancas.

Ao evocar Lélia Gonzalez neste momento o faço não somente para determinar esse não lugar dos corpos negros na sociedade e na cultura, mas para lembrar que a linguagem também é uma marca de não lugar, uma vez que a crítica literária desloca a autora para fora da academia, um pouco em razão de sua origem, um pouco em razão de seu “pretoguês”.

Lélia diz: “Aquilo que chamo de Pretoguês nada mais é do que a marca de africanização do Português falado no Brasil”. Pontuo nesse sentido que sobre as marcas orais nos textos de Carolina que fazem com que a crítica literária analise superficialmente suas obras sem dar a merecida atenção ao seu projeto estético de poetiza, ora, como diz Roland Barthes “a língua é a arena da luta de classes”, pensando nisso é seguro afirmar que também pela “oralitura” a intelectualidade negra encontra forma para resistir.

Ao buscar novas formas narrativas e usá-las em processos de transformações sociais por publicações de livros de caráter político, a escritora negra que será por muitos

imitada, acaba gerando um desconforto à classe hegemônica, haja vista que tal movimento é interpretado como uma ameaça aos status quo. Sendo assim, e considerando que para bell hooks intelectual é, “é alguém que lida com ideias, transgredindo fronteiras discursivas porque ele ou ela vê a necessidade de fazê-lo” (HOOKS, 1995, p. 468), reitero que Carolina Maria de Jesus, enquanto intelectual, rompeu as fronteiras discursivas impostas às mulheres negras, ressignificando a escrita literária. E ela tinha consciência disso: “Eu sei que vou angariar inimigos, porque ninguém está habituado com este tipo de literatura” (JESUS, 1961, p. 30).

Todas as considerações elaboradas acerca dos diários de Carolina Maria de Jesus e sua escrita e a tratativa de suas dores pela escrita engendram a constatação de seus pioneirismos, à medida que seus leitores se identificando com sua trajetória que embora narrada com toda dor é também uma trajetória de insurgência se inspiram e se renovam. Essa rede fictícia, mas também poderosa é chamada pelas feministas negras de Dororidade, que “se instaura e percorre a trajetória vivenciada por nós, população preta, e aqui em especial, nós – mulheres – mulheres pretas...” (PIEDADE, 2017, p. 19).

A dororidade é um termo cunhado por Vilma Piedade, ativista e feminista negra brasileira, que se apercebeu de que os conceitos de sororidade amplamente discutidos, mas pouco vivenciado, oriundo do feminismo hegemônico jamais assumiria ou definiria as marcas das infindas trajetórias de mulheres negras.

Dessa forma, as leituras atentas às narrativas autobiográficas de Carolina Maria de Jesus possibilitaram verificar que diante aos acontecimentos que exigiram dela posicionamentos a fim de reivindicar direitos, seja de existir e alimentar-se a si e aos filhos, seja o de escrever e ser aceita como escritora sustentam a interlocução proposta, a qual segunda abordagem pela teoria feminista é tê-la como mediadora das narrativas de mulheres negras que doravante vieram após sua magnitude.

### **3. POR QUE ESCREVER COMO UMA MULHER NEGRA**

#### **3.1 Ancestralidade e Escrivência**

Conhecedores de nossa árvore genealógica ou não, todos nós tivemos avós, bisavós, tataravós e incontáveis gerações antes das nossas, pessoas das quais pouco ou nada sabemos e, de algum modo, a memória de todas essas pessoas perpassam a nossa existência fazendo de cada um de nós dependentes de um coletivo de seres e saberes no nosso processo de evolução individual.

Uma das filosofias, ou tradições africanas herdadas em diáspora é este costume de saudar os ancestrais. Ainda que pensemos África como um conjunto de culturas em diferentes países, esse culto aos mais velhos permanece comumente presente. Diaspóricos ou nativos, a cultura negra não costuma deixar de lado a existência de um passado. Ao nascer, a memória coletiva destes que contribuíram diretamente para o resultado de nossa existência estão conosco.

Infelizmente com a influência da colonização europeia em terras brasileiras, o domínio dos saberes histórico-culturais por parte dos exploradores propiciou com que a memória da população negra fosse manipulada e até mesmo apagada. Desta forma, tudo o que se aprende sobre o povo negro resume-se genericamente ao fato de que foram “escravos” (e não escravizados; importante ressaltar a diferença de condição e condicionados) até que a escravidão fosse abolida pelas mãos de uma mulher branca e supostamente bondosa. E qual negro nunca se perguntou: por que nossos antepassados não reagiram a isso?

Na contramão de uma ideologia racista que constrói a imagem do povo negro como acomodado e passivo ante sua escravização, Conceição Evaristo apresenta as variações das formas de resistência, sendo uma delas a própria arte literária. Para sobreviver às dores e humilhações da escravidão, o povo negro – além dos constantes levantes, lutas e fugas para os quilombos – também construiu uma “resistência passiva”, ou seja, uma forma de classificar a literatura quando usada como instrumentos catalisadores e transformadores de importantes querelas socioeducativas.

Maria da Conceição Evaristo de Brito nasceu na capital mineira, em 29 de novembro de 1946. Desde muito jovem tentou conciliar os estudos ao trabalho de empregada doméstica. Sua trajetória é marcada, portanto, por muita luta tanto para sua

ascensão social quanto para o reconhecimento do seu trabalho como escritora e intelectual. Conceição Evaristo é uma das vozes mais importantes e fortes da Literatura Brasileira Contemporânea.

Antes de examinar a caracterização de seu trabalho no romance *Becos da Memória* (2006), na esfera feminista negra, no qual a autorrepresentação e a representação da mulher negra tem antes a atribuição humanizadora e transformadora, é necessário expor que Evaristo é declaradamente influenciada por Carolina Maria de Jesus, na vida e obra. Tanto que, atualmente, a escritora faz parte de uma equipe de intelectuais – dentre eles Vera Eunice, filha de Carolina de Jesus – que planejam lançar ao público obra inédita da autora.

Em *Conceição Evaristo por Conceição Evaristo*, a escritora versará sobre a importância do diário de Carolina Maria de Jesus para a sua produção, bem como o diário escrito por sua própria mãe, afirmando que Carolina criou uma tradição literária:

Minha mãe leu e se identificou tanto com o Quarto de Despejo, de Carolina, que igualmente escreveu um diário, anos mais tarde. Guardo comigo esses escritos e tenho como provar em alguma pesquisa futura que a favelada do Canindé criou uma tradição literária. Outra favelada de Belo Horizonte seguiu o caminho de uma escrita inaugurada por Carolina e escreveu também sob a forma de diário, a miséria do cotidiano enfrentada por ela. (EVARISTO, 2009).

Além disso, em entrevista concedida ao Itaú Cultural no ano de 2017, contexto em que fora homenageada, Evaristo conta que teve a autora de *Quarto de despejo* como inspiração e admiração, sendo o diário publicado o mediador para seu primeiro romance *Becos da memória* (2006). Em 2020, Conceição Evaristo participou da FLUP<sup>25</sup> digital que celebrou os 60 anos de publicação do best-seller de Carolina de Jesus. Ademais as escritoras compartilham uma biografia muito similares, mulheres negras, periféricas, tiveram acesso às primeiras leituras por meio lixo, “os livros que a gente tinha eram achados no lixo” (EVARISTO, 2018) evocando Carolina que foi catadora nas ruas de São Paulo e acessava a leitura através dos restos que encontrava, ambas também se aproximam ao se auto definirem no exercício da escrita:

Preciso de algo para não enlouquecer. Escrever, para mim, sempre foi tentar entender o mundo. De criança, tinha uma angústia enorme quando percebia minha família trabalhando tanto e num estado de miserabilidade grande. Hoje,

---

<sup>25</sup> Desde 2012, a Festa Literária das Periferias (FLUP) acontece em âmbito internacional. A principal característica da FLUP consiste em acontecer em territórios tradicionalmente excluídos dos programas literários na cidade do Rio de Janeiro.

escrever ainda é essa falsa ideia de que se pode consertar o mundo (EVARISTO, 2018).

Quando eu escrevia tinha impressão que o meu cérebro normalizava-se. Que alívio! Quem me dera ser sempre assim? O meu desejo era escrever, mas não lia os meus escritos (JESUS, 1994, p. 186).

Para além do gosto pela literatura, ambas são memorialistas, resgatam a história em suas literaturas uma vez que o passado se faz presente cotidianamente em suas vidas através das estruturas sociais. A escrita é uma maneira encontrada para “desvincularem” de si mesma na medida em que indagam e compreendem o mundo, dando aos seus leitores a oportunidade de processar novas informações e promoverem pensamentos de indagação de rígidas estruturas, sobretudo a respeito da população negra. Assim, o movimento de escrever e se inscrever torna-se um movimento para vencer as dores, expurgando-as. É como um instinto de sobrevivência, registrar a vida, ficcionalizar a vida, discordar da vida, são todas maneiras de reexistir e resistir.

Nesta resistência, Lélia Gonzalez – apoiada pela teoria lacaniana da linguagem como fator de humanização e subjetivação – desloca o objeto passivo para a condição de sujeito dotado de um saber. Devemos a estas figuras da resistência passiva a preservação das culturas africanas. Foram elas que, por meio de uma sabedoria ancestral, transmitiram o “pretuguês” aos filhos dos senhores da casa-grande, africanizando a cultura brasileira.

No exercício da crítica biográfica, a pesquisadora Eneida Maria de Souza, , diz que há uma linha tênue entre o ficcional e o real quando se trata da escrita da própria vida, pois está se baseia em memórias, muitas vezes incompletas. Sendo a sua completude possível via performance da palavra escrita, julgo prudente citar Souza: “o elemento factual da vida/obra do escritor adquire sentido se for transformado e filtrado pelo olhar do crítico”.

Nesse sentido, é possível pensar que, sendo Conceição Evaristo cônica de sua intelectualidade, possuidora de formação teórica acadêmica, tenha atuado sobre si mesma numa elaboração crítica de seu próprio fazer literário, e usufruindo de sua ancestralidade, tendo Carolina Maria de Jesus como parte dessa herança sobretudo na concepção de escrita, venha exercendo uma reelaboração da escrita de si, transformando o testemunho em escrevivência.

Conceição Evaristo afirma que sua escrita traz marcas comprometidas com “traços e corpo”, e questiona sobre o que levaria “determinadas mulheres, nascidas e criadas em

ambientes não letrados, e quando muito, semialfabetizados, a romperem com a passividade da leitura e buscarem o movimento da escrita?” (2007, p. 20). E faz a seguinte reflexão: “Talvez estas mulheres (como eu) tenham percebido que se o ato de ler oferece a apreensão do mundo, o de escrever ultrapassa os limites de uma percepção da vida” (EVARISTO, 2007, p. 20).

A literatura de Conceição Evaristo é marcada por evidenciar a sua vivência de mulher negra na sociedade brasileira atravessada pela vivência de outras mulheres negras, suas ancestrais. Sua obra em prosa é constituída por marginalizados sociais, favelados, prostitutas, lavadeiras, empregadas domésticas, meninos(as) de rua, desempregados, alcoólatras etc. Dessa forma, a escritora constrói figuras memoráveis em suas narrativas, como Ponciá Vicêncio (primeiro romance publicado), Vô Vicêncio, Maria-Nova (desdobramento ficcional da autora) Maria-Velha, Negro Alírio, Luandi, Bondade (personagens de *Becos da Memória* (2006) Tio Totó, Zaita, Naita, Di Lixão, Duzu-Querença, Ana Davenga (personagens de diversos contos) e tantos outros que expõem por suas ações essa determinada fração da sociedade que só está presente na literatura, como já apontei nessa pesquisa, de maneira descentralizada e estereotipada.

No texto *Conversa com o leitor*, que abre o livro, Conceição Evaristo revela: “Arrisco-me a dizer (...) que a origem da narrativa de *Becos da memória* poderia estar localizada numa espécie de crônica, que escrevi ainda em 1968. Naquele texto podia ser apreendida a tentativa de descrição de uma favela” (EVARISTO, 2013, p. 11-12). Segundo a autora, a crônica a que ela se refere fora escrita como um exercício de redação apresentado ainda no colégio e que teria sido publicada em dois pequenos jornais posteriormente.

Sabe-se que *Becos da memória* (2006) foi escrito início dos 1980. No entanto, por não conseguir patrocínio para publicá-lo à época, o livro ficou engavetado por cerca de 20 anos até o ano de 2006. Essa distância temporal exemplifica a dificuldade que autoras periféricas enfrentam para chegar ao mercado editorial. Por outro lado, vale ressaltar o esforço em superar esta problemática graças à criação de *Cadernos Negros*, bem como acrescente demanda de “novos leitores”, impulsionando a eclosão de editoras especializadas em literatura negra brasileira.

O romance é construído por várias vozes narrativas entrelaçadas, sobretudo pelo movimento das mulheres da favela sob o olhar atento e curioso da personagem Maria-Nova, somos inseridos no dia a dia dessas famílias, conhecemos as suas dores, suas lutas, seus sonhos, bem como o passado e o presente marcados pela pobreza. Como grande

articuladora da narrativa, Maria-Nova reconta as histórias das diferentes personagens de modo a reconstruir o elo ancestral que liga o interlocutor a memória coletiva. O desenvolvimento da personagem se faz sob a construção dos mais velhos numa constante troca de saberes e experiências entre narrador e ouvinte ao passo que no futuro da narrativa traz o ouvinte como narrador.

A personagem Maria-Nova sinaliza em seu próprio nome ser a portadora de uma nova história. Esta personagem se sente confrontada pelo discurso historiográfico ensinado na escola que menciona o negro como vencido, subalterno objeto de uso e desuso. Ela percebe que a narrativa da professora não condiz com a narrativa que ela atentamente colhe na favela através de Maria-Velha, Vó Rita, Filó Gazôgenica, dentre outras personagens que se movem em direção à representação da oralidade e, nessa prerrogativa questionadora, oferece também, ao leitor, a possibilidade de o fazer:

Duas ideias, duas realidades, imagens coladas machucavam-lhe o peito. Senzala-favel. Nesta época, ela iniciava seus estudos de ginásio. Lera e aprendera também o que era casa-grande. Sentiu vontade de falar à professora. Queria citar como exemplo de casa-grande, o bairro nobre vizinho e como senzala, a favela onde morava (EVARISTO, 2013, p. 104).

Maria-Nova colecionava as histórias da favela na medida em que a autora propicia um questionamento à história oficial, reconstruindo a memória e a criação poética dessas histórias silenciadas. O exercício da escrevivência age nessa aproximação entre estética, poética e ética em proporção à possível mudança de perspectiva através da literatura. O sujeito autoral que se inscreve no texto, como é no caso de *Becos da memória* (2006), se insere na construção de novos significantes e novas maneiras de existir. A escrevivência, segundo Evaristo (2008), permite o transbordamento da memória e sua montagem com a história, penetrando nos espaços em branco do texto.

O exercício criativo de Conceição Evaristo de se inserir no texto através da personagem Maria-Nova demonstra que o pensar é fruto do nosso existir, e dizer que o pensamento é fruto de nossa existência sugere “algo” negado pela dominação eurocêntrica nas mais diversas esferas. Fazer isso a partir da literatura, que também se fundou no Brasil pelas concepções europeias, é extinguir a concepção de que só teoria fornece aos intelectuais, uma vez que a democratização do conhecimento garante que “pessoas comuns” também se tornem intelectuais.



É possível distinguir que a oralidade é fator imprescindível para a conservação da história. A saber, “as muitas narrativas que se interceptam no romance são protagonizadas por mulheres que utilizam narrativa oral na manutenção ou no repasse de experiências, cultuando a ancestralidade feminina” (SANTOS, 2018, p. 92).

A pesquisadora Rosane Borges (2016) chama a atenção, ao questionar a ideia de oralidade. Para Borges, dizer que negros têm tradição unicamente oral é também uma ideia eurocêntrica que retira de povos subalternizados o direito à escrita, ao passo que se concebe a escrita como instância de poder. Nesse sentido, as palavras de Homi Bhabha (1998) sobre o direito de narrar emergem como a colocação, na modernidade, na reversão da posição subalterna por meio da narrativa, um desejo “de, por um direito coletivo, à diferença na igualdade” (BHABHA, 2014). “Permitir que muros de silêncio sejam construídos no nosso meio e em nossas mentes é viver em suas sombras muito depois de eles terem sido derrubados”, escreve Bhabha (2014).

A escrevivência pode ser concebida como suporte ao pensamento metodológico e teórico sobre as questões de vivências negras na sociedade como se pensamento e existência negra estivessem interligados. bell hooks aponta nesse sentido para o entendimento de fala e escrita como dispositivo de sobrevivência:

[...] para nós, a fala verdadeira não é somente expressão de poder criativo; é um ato de resistência, um gesto político que desafia políticas de dominação que nos conservam anônimos e mudos. Sendo assim, é um ato de coragem – e, como tal, representa uma ameaça. (HOOKS, 2019, p. 36).

Segundo este pensamento aliado à ideia de escrevivência como epistemologia concebo através da mediação da professora Rosane Borges, uma forma matriz que pode ser referenciada academicamente no viés da ética, da poética e da política para produção de nossas narrativas, procurando não ser refém de uma narrativa comum. Sendo assim usar as próprias referências no processo criativo posiciona a autora como aquela que irrompe e reconfigura o sistema narrativo.

Neste romance de corte tão biográfico quanto memorialístico, além da centralidade e protagonismo de Maria Nova percebo que a cena literária centraliza outras, mulheres como se para oferecer movimento à narrativa há várias passagens que fazem referência a mulheres vivendo sozinhas e criando seus filhos, ou mesmo de mulheres agredidas pelos companheiros. Também encontramos na narrativa, mulheres subordinadas a um sistema de trabalho que revela a inferiorização de sua condição social.

Isso acontece, por exemplo, nas passagens sobre a personagem Ditinha. Empregada doméstica que mora na favela, desde sempre Ditinha mostra a discrepância entre a casa e a vida da patroa, mulher branca e com boas condições financeiras, e a sua vida e seu barraco, que comporta além dela o pai, os três filhos e a irmã (que pouco aparece em casa). Vivendo em condições precárias a personagem é quem cuida de todos e por isso é o pilar da família; a maneira como ela vê a patroa e é vista por ela sugere uma reflexão para se pensar a desigualdade social no Brasil:

Ditinha olhou para a patroa e sentiu o ar de aprovação no rosto da dela. Como D. Laura era bonita! Muito alta, loira, com os olhos da cor daquela pedra das jóias. Ditinha gostava muito de D. Laura e D. Laura gostava muito do trabalho de Ditinha (EVARISTO, 2013, p. 141).

Há também a personagem Filó Gazogênia que quando está prestes a morrer pensa no passado e em seus entes queridos, mas o que ela mais quer é deixar de sofrer: “O sol esquentava-lhe o corpo tão vazio de carne e quase vazio de vida. Teve vontade de chorar, sentiu um misto de prazer e de dor” (EVARISTO, 2013, p. 152), para muitos moradores, como Tio Totó era preferível morrer a continuar sofrendo. Toda essa situação de sofrimento faz com que Maria-Nova reflita sobre a existência humana.

Outra personagem que precisa ser citada é Maria-Velha, mulher de Tio Totó, figura matriarca que funciona como “griot”<sup>26</sup>: “aquela que transmite a tradição da memória, uma figura típica descrita como negra idosa, uma sábia e ligada à fé e à religiosidade ancestral” (FIGUEIREDO, 2009, p. 70). Enquanto ele se entregava ao sofrimento e ao desespero em ser despejado da favela, sem esperanças em construir um novo futuro Maria-Velha, juntamente com a irmã Mãe Joana, buscava forças para continuar:

Maria-Velha e Mãe Joana demonstravam uma confiança que não tinham naquele momento. Era preciso não amargurar mais Tio Totó. Mãe Joana não queria amargurar os filhos. Elas sabiam, porém, que as dificuldades seriam redobradas. Como viriam trazer e buscar as roupas? Como manteriam a freguesia? Mudar a forma de trabalho? Voltar a trabalhar nas casas de famílias? Quem cuidaria de Tio Totó e das crianças? Havia o medo, o desconhecido, os bichos. Havia o enorme desamparo (EVARISTO, 2013, p. 243).

---

<sup>26</sup>É o indivíduo que, na África Ocidental, tem por vocação preservar e transmitir as histórias, conhecimentos, canções e mitos do seu povo. Existem griots músicos e griots contadores de histórias. Ensinam a arte, o conhecimento de plantas, tradições, histórias e aconselhavam membros das famílias reais.

Dessa maneira é possível aproximar a literatura de Conceição Evaristo do feminismo negro a partir do exercício de colocar mulheres negras no centro da narrativa. Em entrevista, a autora concebe sua obra do feminismo a partir de experiência observada e adquirida com suas ascendentes: “o meu feminismo vem da atuação das mulheres da minha família. É uma família em que as mulheres são mais ativas e mais presentes que os homens” (EVARISTO, 2016, p. 91).

Nessa mescla de real e ficção em que a escritora representa mulheres negras com forte atuação é que a escritora consegue trazer a mescla de gênero, classe e raça, e ela mesmo se localiza dentro do movimento de mulheres: “...eu não me considero contemplada pela liderança do movimento feminista de expressão branca, porque é outra história, é outro discurso com outra agenda” (EVARISTO, 2016).

Refletindo dessa forma, é prudente afirmar que a autora atende das prerrogativas feministas negras sinalizando atentamente na obra através das personagens e por si mesma enquanto intelectual negra, dessa maneira é importante salientar o que diz hooks:

[...] postura de colocar mulheres negras no centro não é uma ação para excluir as outras; ao contrário, um convite, um desafio para aqueles que nos ouvirem falar, para mudar paradigmas ao invés de apropriar, para fazer todos os leitores ouvirem a voz de uma mulher negra falando de um assunto, e não como uma desprivilegiada (HOOKS, 2019, p. 51).

Não foi em vão que Ângela Davis, cunhou a celebre frase “quando a mulher negra se movimenta, toda a estrutura da sociedade se movimenta com ela”<sup>27</sup>, articulo assim o pensamento de Conceição Evaristo na proporção em que propõe em seus textos a afirmação da existência de uma literatura negra e nela o surgimento de um sujeito de enunciação no discurso poético, revelador de um processo de conscientização.

Diante exposto, observo que estes sujeitos, mulheres negras, não se concebem mais como objetos de estudo e sim possuidores de sua própria fala e deste, um desdobramento da fala como lugar, o que principia um ato político por convocar a coletividade. Pois se a memória da autora é também a memória de outras que vieram antes, pelo resgate memorialista através do texto autoficcional, autora sai da subalternização e convoca outros a fazer o mesmo.

---

<sup>27</sup> Discurso de Angela Davis durante a conferência de abertura da Escola de Pensamento Feminista Negro, em 17 de julho de 2017, na cidade de Cachoeira-BA.

### 3.2 Interseccionalidade e literatura

As posições das mulheres na sociedade são definidas por modos diferenciais de exploração e dominação da classe exploradora nos sistemas capitalistas, definitivamente não somos todos iguais. Nesse sentido, as mulheres negras experienciam estes modos supremacistas de forma ainda mais distinta em virtude do racismo instaurado a partir do passado colonial que evidenciou sistemas de vantagem e deixou profundas raízes pensamento coletivo.

Na última visita de Angela Davis<sup>28</sup> à Bahia, na ocasião da conferência proferida em 25 de julho de 2017, Angela afirmou que “quando a vida das mulheres negras importar, teremos a certeza de que todas as vidas importam”<sup>29</sup>. Esta citação revela o modo como as mulheres negras, estando na base da pirâmide social, vivenciam o descaso do poder público com as populações negras e pobres, que vão desde o acesso à água, saúde, moradia, educação e trabalho, ao mesmo tempo em que aponta para a permanência de um sistema estruturado em bases patriarcais, no qual a socialização de gênero ainda atribui às mulheres a responsabilidade pela manutenção da família e o cuidado com a prole. A sobrecarga de responsabilidades associada ao racismo e às representações estereotipadas sobre o corpo feminino negro tem causado inúmeros prejuízos às mulheres negras, que têm buscado estratégias coletivas como um modo de enfrentamento às desigualdades.

Dessa forma gênero, raça e classe são conceitos que não se desassocia da vivência efetiva de mulheres negras em sociedade, em quaisquer das atividades em que se vejam inseridas haverá a necessidade de autoavaliação e auto definição, como prerrogativas de existência. Estão aí as instâncias ideológicas e políticas, necessárias à manutenção da estrutura capitalista. O racismo, como ideologia, toma corpo num conjunto de práticas sociais e é considerado um dos principais determinantes da posição de trabalhadoras negras nas relações de produção e na esfera da circulação.

Evoco mais uma vez a ativista Lélia González, que antecipa os atuais debates sobre a interseccionalidade e observa que, com o capitalismo ganha corpo uma divisão racial e sexual do trabalho que leva à uma tríplice discriminação sofrida pelas mulheres

---

<sup>28</sup> Angela Yvonne Davis é professora emérita do departamento de estudos feministas da Universidade da Califórnia e ícone da luta pelos direitos civis. Como ativista, integrou o grupo Panteras Negras e o Partido Comunista dos Estados Unidos. Foi presa na década de 1970 e ficou mundialmente conhecida pela mobilização da campanha “Libertem Angela Davis”. Foi candidata à vice-presidência da República em 1980 e 1984. Autora de vários livros, sua obra é marcada por um pensamento que visa romper com assimetrias sociais.

<sup>29</sup> Discurso de Ângela Davis na conferência proferida na UFBA, em Salvador/BA (2017).

negras. Com a pergunta “E a trabalhadora negra, cumé que fica?”, lançada no jornal *Mulherio* em 1982, a autora denunciava que esta não seria admitida nos postos de trabalho onde era exigida a “boa aparência”, restando a ela a invisibilidade do emprego doméstico, o que diria hoje face à precarização ainda maior das relações de trabalho, que insiste em reservar às mulheres negras as ocupações mais degradantes?

Interseccionalidade é um conceito desenvolvido no bojo do feminismo negro introduzido como chave analítica pelo pensamento de Patrícia Hill Collins. A autora acredita que a interseccionalidade ajuda a explicar as experiências das mulheres negras estadunidenses e de outros grupos, além de nos mostrar como a dominação é organizada. Para ela, há uma matriz de dominação, ou seja, uma organização social dentro da qual as opressões interseccionais se originam, se desenvolvem e estão inseridas.

Noutra perspectiva para a teoria trazida por Kimberlé Crenshaw<sup>30</sup> que compreende as opressões como avenidas identitárias que interagem simultaneamente e colidem, sendo assim, a interseccionalidade elaborada pela crítica feminista negra às leis antidiscriminação são subscritas às vítimas do racismo patriarcal cujo objetivo é instrumentalizar as práticas feministas pela teoria e metodologia

A teoria literária propõe diferentes formas de se ler as narrativas mediadas por grandes chaves teóricas. Sendo assim pode-se inferir que a escrita feminista negra se estabelece pela junção desta chave analítica com uma ferramenta de transformação, que é como abordo como uma das funções da literatura nesta pesquisa, na medida em que a performance narrativa entremeia essas discussões na vivência de seus personagens.

As memórias compartilhadas pela autora de *Becos da memória* (2006) encenam uma coletânea de alguns traumas que percorremos personagens tendo como pano de fundo a história da formação cultural, social, geográfica e política da população brasileira; a retirada forçada dos negros da África; a chegada ao Brasil e o sistema escravocrata ao qual foram submetidos; o desamparo e abandono após a declaração da famigerada Lei Aurea.

O espaço da narrativa traz significação para se analisar a questão da classe nestas vias identitárias haja vista que faz referência e evoca um lugar de subordinação histórica para a formação dos povos negros no Brasil, a favela, que é localizada ao lado de um bairro nobre, o que pode ser interpretado como uma alusão à senzala e à casa-grande.

---

<sup>30</sup> Kimberlé Williams Crenshaw é uma defensora dos direitos civis americanos e uma das principais estudiosas da teoria crítica da raça. Ela é professora em tempo integral na Faculdade de Direito da UCLA e na Columbia Law School, onde se especializa em questões de raça e gênero.

Também não há nenhuma referência de uma localização deste espaço como em *Quarto de despejo*, onde o espaço é identificado como a favela do Canindé na cidade de São Paulo. A não referência geográfica pode ser lida como uma alegoria narrativa de que as experiências ali vividas são universais.

O ambiente periférico, no qual é passado o enredo da narrativa, é utilizado, estrategicamente, para originalizar os discursos dos personagens, desde referências de seu surgimento e a chegada de cada qual expostos ao longo da narrativa até o momento em que são surpreendidos com a proposta de desfavelamento, oportunidade na qual a escritora rememora o afeto que uniam as pessoas daquele local, cada um sentindo a dor do outro e Maria-Nova sentindo a dor de todos” (EVARISTO, 2013, p. 30).

Sob a ótica da interseccionalidade, além da questão do espaço é possível retomar alguns personagens do romance de Evaristo. No prefácio de *Becos da memória* Schmidt afirma que o romance se desenvolve sem o uso de estereótipos, sendo assim “São todas personagens femininas que atualizam, em suas histórias de vida e em seus próprios corpos, uma relação repetidamente evocada na narrativa: a aproximação entre senzala e favela” (EVARISTO, 2013, p. 18).

Além de Ditinha que trouxe a reflexão sobre o trabalho doméstico e a disparidade de classe e a reconfiguração da estrutura que liga a ideia de favela a senzala, é necessário citar Cidinha Cidoca e Dora, a autora atribui ofícios e características específicas a cada uma delas, logo estão representadas sob a desconstrução dos estigmas sexuais do corpo feminino negro como aquele provido tão-somente de desejos sexuais e a emancipação e empoderamento da mulher negra numa sociedade que a marginaliza.

Cidinha-Cidoca andava muito quieta ultimamente. Quem te viu quem te vê!... Alheia pelos encantos do botequim, nem cachaça exigia mais. Suja, descabelada, olhar parado no vazio. Se lhe dessem um trago, bebia. Se não lhe dessem, nem da secura da boca reclamava mais (EVARISTO, 2013, p. 35).

O trecho que introduz Cidinha Cidoca à narrativa insere mudanças no comportamento da mulher que antes eram percebidos de forma contrária atribuindo a ideia estereotipada de lascívia e sexualidade. Entretanto, Cidinha-Cidoca, ainda assim, mantinha o perfil de mulata “mesmo com aqueles olhos parados e com aquela carapinha de doida! [...] doida mansa, muito mansa” (EVARISTO, p. 36). Cidinha-Cidoca, além de ser percebida por sua profissão, prostituta, era disparadamente percebida pela sua nudez negra, corpo bonito e tentador, conhecida nos becos da favela por rabo-de-ouro, afinal,

“diziam as más línguas e as boas também que Cidinha-Cidoca tinha o ‘rabo de ouro’. Não havia quem o provasse e não se tornasse freguês. Todos iam e voltavam. Velhos, moços e até crianças” (EVARISTO, 2017, p. 36).

A representação da personagem Cidinha-Cidoca abre margem a discussões referentes à hipersexualização do corpo feminino negro. A experiência de Cidinha na narrativa sugere a reflexão sobre o abuso do corpo da mulher negra discutido por Angela Davis como mais uma herança colonial:

A postura dos senhores em relação às escravas era regida pela conveniência: quando era lucrativo explorá-las como se fossem homens, eram vistas como desprovidas de gênero; mas, quando podiam ser exploradas, punidas e reprimidas de modos cabíveis apenas às mulheres, elas eram reduzidas exclusivamente à sua condição de fêmea (2016, p. 19).

Por esta citação entende-se que a ação de Evaristo ao dar o desfecho da morte junto aos dejetos de destruição da favela, metaforiza que a objetificação do corpo da mulher leva igualmente à sua destruição, é possível perceber que a clara relação de poder estabelecida entre os personagens masculinos para com Cidinha, pois a tratativa de seu corpo como objeto de lascívia é tão latente que, por diversas vezes, dificultou outras atribuições de função ou utilidade social a Cidinha-Cidoca que não fosse o sexo.

Se a desesperança toma conta de Cidinha-Cidoca a ponto de leva-lá ao descuido de si mesma ao desinteresse pela vida e a uma conseqüente e trágica morte, para Dora, o movimento é inverso. Apesar de linda – “mulata alta”, “corpo melodioso” (EVARISTO, 2013, p. 127) – e aparentemente feliz, a personagem guarda uma história de perdas e descrença.

Ela era muito conhecida pelos demais moradores da comunidade, é apresentada na narrativa como a mulata sensual, tão explorada na literatura, mas com o desenrolar do romance “ela sinaliza a desconstrução de estereótipos negativos da mulher negra e aponta para a elaboração de uma nova história, afinal Dora é a única personagem que se mostra independente e emancipada” (SANTOS, 2016, p. 134).

Ao analisar a personagem Dora enquanto uma das mulheres mais independentes, emancipadas e desconstruídas dos estigmas sociais nos quais são envoltas as mulheres negras na sociedade, percebe-se que se entrelaçam outros personagens, a saber seu companheiro Negro Alírio, cuja participação na emancipação de Dora é extremamente relevante, já que ao narrar seu passado para ele, Dora aponta seus desejos e suas escolhas

sem autocensura. (SANTOS, 2016, p. 134) A memória traz as experiências do passado, que possibilitaram a construção da mulher alegre, que sorri feliz.

O Negro Alírio também é peça fundamental quando autora propõe uma reflexão acerca da maternidade, e pelo fluxo de pensamento deste personagem que procura entender as escolhas de Dora, o qual se diferencia das outras mulheres, quando ela engravida é por ele que se insere o discurso de que filho também deveria ser escolha para a mulher, “Se bem que ela até que tinha suas razões. Ele mesmo já se deitara com tantas mulheres, só buscando o amor, só buscando o prazer. Filho quase sempre vem sem querer. E a mulher sempre carrega tudo. Carrega a barriga e as dificuldades” (EVARISTO, 2013, p. 88).

Sob a alcunha de pertencer ao gênero feminino pesa sobre as mulheres o dom “natural” da maternidade, mas a contrapelo disto pesa sob as mulheres negras uma imaginária condição de esterilidade. Já que não nos acostumamos a ver mulheres negras retratadas como mães, aliás nem mulheres negras sob a ótica da afetividade, ou seja, de se ter um companheiro, ser feliz e formar uma família se quiser. Davis ressalta que este debate também é necessário por se tratar de outra herança escravista:

Não significa que como mães, as mulheres negras gozassem de uma condição mais respeitável do que a que tinham como trabalhadoras. A exaltação da maternidade – tão popular no século XIX – não se estendia às escravas. Na verdade, aos olhos de seus proprietários, elas não eram realmente mães; eram apenas instrumentos que garantiam a ampliação da força de trabalho escravo. Elas eram reprodutoras (DAVIS, 2016, p. 19).

Ao citar a ativista neste trecho, chamo a atenção para a importância de se compreender a interseccionalidade na vivência de mulheres negras. Tendo como exemplo as personagens de Conceição Evaristo, é possível inferir que raça e classe não podem ser desprezadas de gênero quando a intenção é se questionar as opressões.

O romance ainda trata de machismo, preconceito e violência contra as mulheres na representação da personagem Fuinha. O pai Fuinha vivia espancando a filha e a mãe, “espancava por tudo e por nada” e a menina crescia temerosa e arredia. Um dia a mãe da menina amanheceu morta de tanto apanhar do marido, os vizinhos ouviam passivos a pancadaria, mas a miséria de cada um já era muito grande e ninguém se intrometia.



[...] Ia crescendo apesar das dores, ia vivendo apesar da morte da mãe e da violência que sofria do pai carrasco ele era dono de tudo. Era dono da mulher e da vida. Dispôs da vida da mulher até a morte. Agora dispunha da vida da filha. Só que a filha, ele queria bem viva, bem ardente. Era dono, o macho, mulher é para isso mesmo. Mulher é para tudo. Mulher é para gente bater, mulher é para apanhar, mulher é para gozar, assim pensava ele (EVARISTO, 2013, p. 112-113).

Nesta passagem se experimenta a violência física, simbólica e de gênero e também o sofrimento constante naquele barraco. O pai, aquele que deveria proteger, exige por meio da força e autoridade o corpo da menina humilhada. Desconta as frustrações do cotidiano nas mulheres que com ele dividiam o espaço e a quem ele enxergava fracas. Nesse processo, a menina passiva repete a conduta submissa da mãe.

É importante ressaltar que a autora não traz a questão do machismo como algo natural e inerente ao sexo masculino. Ao contrário, ela descreve o agressor como um homem comum: “Conversava, andava, falava, trabalhava normalmente. Aparecia no armazém de Seu Ladislau, [...] bebia uns goles de pinga, falava e até ria um pouco para alguns” (EVARISTO 2013, p. 111), mas cuja masculinidade violenta e opressora sobressaía em consequência das misérias humanas oferecidas pelo meio social e cultural em que lhe era imposto viver.

Considerando as várias histórias mediadas pela personagem Maria-Nova de *Becos da memória* (2006), e tendo em consideração a intenção da autora em colocar mulheres negras e suas subjetividades no centro das narrativas, me permito dizer que a crítica feminista é um modelo teórico que propicia discussões acerca da representação das mulheres na literatura. Dito isso, pensando o conceito teórico da interseccionalidade, a pesquisadora Karla Akontirene diz que:

[...] o projeto feminista negro adota coalizção e solidariedade políticas em prol dos oprimidos por classe, sexualidades ou território, dentre diferentes marcações. A interseccional idade pode ajudar a enxergamos as opressões, combate-las, reconhecendo que algumas opressões são mais dolorosas. Às vezes oprimimos, mas às vezes somos opressores. Concordo que racismo, por ser estrutura de poder, é intransferível de negro contra branco, por isso que o negro, para discriminar, precisa de poder racial assegurado exclusivamente quando ele está fardado, representando a instituição, não a si próprio. Contudo, a branquitude continua dirigente (AKONTIRENE, 2018, p. 92).

Sendo assim a partir dessa discussão, argumento que a temática de Evaristo, deixa evidente a interseccionalidade de gênero, de raça e de classe na narrativa. As personagens

femininas do romance estudado neste capítulo têm basicamente o mesmo espaço de origem, mas não as mesmas experiências de vida, no entanto suas histórias se conectam recorrentemente. Trazendo compreensão aos leitores, pelo ponto de vista feminista negro, sobre as subjetividades das mulheres negras brasileiras periferizadas.

### **3.3 A recepção transformadora**

Ao pensar as experiências concretas que mulheres negras tem com a cultura, a educação e outras instâncias bem como a construção e aceitação da identidade do negro a partir da experiência do outro percebe-se que a literatura de Conceição Evaristo parte de uma realidade para elaborar a ficção. Assim, ao encenar essa realidade, acaba nos revelando valores, contextos políticos, ideológicos e culturais, mesmo sem se comprometer a assumir-se como fonte histórica.

No projeto de elaboração da obra *Becos da memória* (2006), Evaristo faz um jogo de construção narrativa que resulta na relação de espelhamento entre ela mesma e Maria-Nova, ou seja, Maria-Nova encena, na narrativa, a atitude da escritora negra brasileira. Assim, ao trazer para a cena literária as várias vozes que habitam a favela, mostra a possibilidade de lutar coletivamente contra os estereótipos impostos, subvertendo as definições estabelecidas pelas classes dominantes e produzindo a sua identidade com segurança e autonomia:

Ela disse se chamar Dora. Ela gostava muito do nome dela, aliás, Dora gostava muito de si própria. Ele disse se chamar Negro Alírio. Negro deveria ser apelido e Alírio o nome, mas ele dissera Negro Alírio. Gostou de ouvir a palavra negro pronunciada por um negro, pois o termo negro ela só ouvia na voz de branco, e só para xingar: negro safado, negro filha-da-puta, negro baderneiro e tantos defeitos mais! (EVARISTO, 2006, p. 89).

A introdução do personagem Negro Alírio na narrativa sinaliza para uma série de momentos epifânicos e empoderadores. Com a personagem Dora, citada anteriormente ele acaba por provocar uma transformação e encorajamento na medida em que, como seu companheiro, age de maneira a respeitá-la e compreendê-la em suas passionalidades.

Este personagem se torna muito importante também para o desenvolvimento de Maria Nova, que se interessa muito pela trajetória de Negro Alírio desde o momento em que ele chega à favela. Isso acontece porque percebe que ele tinha outra visão de mundo, e com ela outras expectativas acerca do futuro. “No Brasil, tem permanecido intacta, em suas linhas gerais, a organização social da cultura oriunda do sistema discriminatório da

sociedade escravagista do passado” (BOSI, 1999, p. 86). Por essa razão, é preciso lutar contra essa realidade e Negro Alírio cumpre essa função, pois é ele quem parece ter a sensibilidade de enxergar a essência das pessoas na favela. E dessa maneira a autora aos poucos insere a simbologia dos personagens para a narrativa, como na citação que insere o pensamento de Negro Alírio,

Dentro do barracão, conviviam três gerações. Tio Toto era, talvez, uns quarenta anos mais velho que Maria-Velha. Olhou os três e pensou que, se soubesse pintar, faria um belo quadro. Reteve a cena teve a sensação de que diante de si estava a eternidade. Pensou que Deus é eterno sim, mas o homem de certa forma também é. A menina parecia ser a continuação dos dois. O velho e a mulher se eternizavam por meio da menina. (EVARISTO, 2013, p. 129).

A ideia de eternizar através do outro, está diretamente ligado ao ato de narrar de permanecer vivo. Durante muito tempo, os negros têm permanecido como objetos da letra, e não como cidadãos letrados, prisioneiros de narrativas escritas por outras pessoas e não são apresentados como protagonistas. Na personagem de Negro Alírio também está inserido a importância do letramento e a ideia de como historicamente foi preciso a organização do povo negro para se ter acesso ao direito de ler e escrever, anteriormente negados pelo processo colonizador. Através dele e de Maria Nova, a ideia de mudança no mundo percorre toda a narrativa. Para Evaristo, “Negro Alírio motivava todo mundo a aprender a ler. Antes de tudo, explicava que era preciso de que todos aprendessem a ler a realidade, o modo de vida em que todos viviam” (2013, p. 134).

Ressalto, então, que além das questões relacionadas à problemática do gênero e da raça para a implantação da subalternidade, e além da utilização do espaço favela a fim de tomar conhecimento do passado escravocrata dos personagens, o elemento memória é de suma importância como função de tornar possível o entendimento da realidade. Durante todo o romance ficamos conhecendo não apenas a vida de Maria-Nova, de seus familiares e demais moradores da favela, ficamos conhecendo como a trajetória desses personagens teve influência para a forma como eles encaram a vida e sentem suas frustrações. Maria-Nova entra em contato com o passado dos moradores, de seus sonhos e seus desejos.

Em livros oficiais, a voz presente não é a do negro (protagonista), mas no samba, na capoeira, nos congados, nas artes periféricas e até mesmo na literatura, é possível ouvir o grito genuíno dos subalternizados. Não se tem a história oficial, contudo temos o que restou de nossas memórias. Pois memória é também identidade. O que nos restou da

árvore do esquecimento, recolhemos e armazenamos com muito zelo. Segundo Walter Benjamin, é necessário desconfiar dos monumentos oficiais:

Nunca há um documento da cultura que não seja, ao mesmo tempo, um documento da barbárie. E, assim como ele não está livre da barbárie, assim também não o está o processo de sua transmissão, transmissão na qual ele passou de um vencedor a outro. Por isso, o materialismo histórico, na medida do possível, se afasta desta transmissão. Ele considera como sua tarefa escovar a história a contrapelo (BENJAMIN, 1993, p. 157).

Desta forma, por saber ler, e fazer as conexões necessárias ao entendimento da realidade e a menina Maria Nova, se torna o elo entre passado, presente e futuro. Também um símbolo de esperança para aquelas pessoas a partir de seu letramento; “Mãe Joana, Maria velha, Tio Tatão, todos diziam que a vida para ela seria diferente. Seria? Afinal ela estava estudando. Maria-Nova apertou os livros e os cadernos contra o peito, ali estava sua salvação (EVARISTO, 2013, p. 154).

Por se tratar de um romance memorialístico, a morte é continuamente retratada, como parte de um processo de vida, fazendo com que a menina estivesse sempre refletindo sobre ela. De certa forma, a morte parece levar a menina a decidir o que fazer com relação àquelas histórias que se amontoavam dentro dela, julgava que tudo aquilo não podia desaparecer com aquelas pessoas mortas. “Viver do viver”. A vida não poderia se gastar em miséria e na miséria. Pensou, buscou lá dentro de si o que poderia fazer. Seu coração arfava mais e mais, comprimido lá dentro do peito. O pensamento veio rápido e claro como um raio. Um dia ela iria tudo escrever”. (EVARISTO, 2013, p. 225).

Segundo Fonseca, em *Costurando uma colcha de memórias*, escrever é como uma ferramenta utilizada para recompor o vasto painel de lembranças calcadas na experiência da pobreza. A menina de olhar atento e coração aberto retém as imagens e os fatos que, mais tarde, já como mulher, irá remendar por registro escritural as vozes, os murmúrios e os silêncios.

A materialidade dos corpos literários representa muito mais do que meras personagens. O poder presente no discurso, no que se refere a formação de sujeitos através de identidades e identificações, ilustra as limitações e a exclusão as quais se está submetido. Os corpos negros são oprimidos. Eles não se materializam livremente, são frutos de práticas reiterativas que os colocam incansavelmente em papéis servis. O corpo feminino negro, só pode ser inserido com outras perspectivas quando narradoras negras tomaram a fala como lugar de existência e resistência.

Desta forma, uma preocupação constante na literatura são as questões de identidade, para as quais as obras literárias são capazes de esboçar respostas tanto implícitas quanto explícitas. Assim, a forma como mulheres negras são retratadas por Conceição Evaristo ante a transformação da experiência em escrita pode ser interpretada como uma ação performática. Desta maneira, segundo Judith Butler:

A performatividade não é, assim, um “ato” singular, pois ela é sempre uma reiteração de uma norma ou de um conjunto de normas. E na medida que ela adquire o status de ato no presente, ela oculta ou dissimula as convenções das quais ela é uma repetição. Além disso, esse ato não é primariamente teatral; de fato, sua aparente teatralidade é produzida na medida em que sua historicidade permanece dissimulada (e, inversamente, sua teatralidade ganha uma certa inevitabilidade, dada a impossibilidade de uma plena revelação de sua historicidade) (BUTLER, 2000, p. 167).

Segundo Miriam Cristina dos Santos (2018), Carolina não apenas denuncia a situação de subsistência da população negra, mas aponta caminho de intervenção social, a partir do letramento e da educação. A personagem de maior performance, Maria Nova, cumpre papel crucial em sob o ponto de análise da performatividade como ferramenta, ao se utilizar da escrita de forma subversiva e ter o lugar de detentora do saber ao articular memória individual e coletiva.

Quando se fala em empoderamento, vemos hoje um termo quase em desuso devido ao fato de ter sido muito distorcido e esvaziado de seu significado, apesar disso o termo pode ser adicionado às reflexões desta pesquisa por funcionar como um sistema de suporte no âmbito das políticas e mudanças sociais, o que para este estudo ocorre dentro da esfera literária. É parte dos resultados que podem ser obtidos da relação do leitor com a obra lida.

Vimos a importante transformação ocasionada em Conceição Evaristo e seus familiares após a leitura de *Quarto de despejo: diário de uma favelada*. Semelhante a isso, inferimos a emancipação da personagem Dora diante da autoafirmação de um negro com orgulho de sua subjetividade e também as descobertas, descontentamento e ações da personagem Maria-Nova com a absorção das narrativas que foram compartilhadas.

De acordo com a pesquisa de Joice Berth (2018), compreender o legado de teóricas e pensadoras negras, bem como o seu entendimento e assimilação do conceito é essencial para aprofundamento eficaz sobre o tema, sobretudo para mulheres negras, as quais necessitaram desde sempre exercê-lo, antes mesmo de a teoria ser acessível a elas.

Numa perspectiva decolonial, a ativista Angela Davis sinaliza:

O conceito de Empoderamento não é novo para mulheres afro-americanas. Por quase um século, temos os organizados em grupos voltados a desenvolver coletivamente as estratégias que iluminem o caminho rumo ao poder econômico e político para nós mesmas e para nossa comunidade. Ao longo da última década do século XIX, após serem repetidamente rechaçadas pelo racialmente homogêneo movimento pelos direitos das mulheres, as mulheres negras formaram seu próprio movimento associativo (DAVIS, 2019, p. 75).

Dito isso, pode-se analisar que as escritoras negras brasileiras têm, de maneira geral, conseguido uma inserção no mundo literário que antes era impossível (ou improvável), graças, principalmente, ao talento e à exposição de um universo feminino complexo que não dá mais espaço para o mito da passividade, inferioridade e fragilidade da mulher negra. Atualmente existe o reconhecimento de que é preciso resgatar, analisar e refletir a obra de diversas autoras responsáveis por um processo de desconstrução de estereótipos variados. Nos textos de Evaristo, percebemos uma série de aspectos e construções que visam justamente humanizar as personagens e não estereotipá-las, como vimos, trabalhando as questões de gênero, raça e memória.

É este o movimento que clarifica a recepção dos textos de Evaristo. Para hooks (2019, p. 77), a “emancipação da mulher preta se dá a partir das margens, é lá que nós causamos e somos levadas para outros lugares, das margens chegamos aos centros”. O trabalho precisa existir a partir das margens, pois quem está nas margens vê as coisas acontecerem antes.

Assim, ao trazer para a cena literária as várias vozes que habitam a favela, mostra-se a possibilidade de lutar coletivamente contra os estereótipos impostos, subvertendo as definições estabelecidas pelas classes dominantes e produzindo a sua identidade com segurança e autonomia. E, nesse movimento alegórico, a literatura pode reverter a desvalorização do olhar sobre as mulheres negras no país.

Outra visão sobre o uso da linguagem para provocar a emancipação dos subalternizados a fim de ocuparem os centros é trazida pela própria bell hooks: “Estamos enraizados na linguagem, fincados, temos nosso ser em palavras. A linguagem para recuperar a si mesmo – para reescrever, reconciliar, renovar. Nossas palavras não são sem sentido. Elas são uma ação – uma resistência. A linguagem é também lugar de luta” (HOOKS, 2019, p. 74). Portanto, é pertinente que para que haja ratificações na forma como se pensam corpos negros, são estes próprios corpos que precisam erguer a voz.

A movimentação de mulheres negras vem de longe, como diz Jurema Werneck, tanto que pensar a literatura de mulheres negras brasileiras é fazer um retorno histórico e antropológico desde o berço da humanidade ao nascimento e desenvolvimento do Brasil. Sobretudo, “para uma mulher negra, escrever e publicar é revolucionário”, e isto mais ligado ao modo em que elas veem o mundo e como se entendem nele que com o modo como mundo as vê.

A escrita destas mulheres tem, dentre muitos, o objetivo de causar o incomodo, aquele incomodo tão bem explorado nas narrativas da escritora Clarice Lispector que provocam grandes reflexões e mudanças de posturas de suas personagens e tão bem teorizado pelo francês Jean-Paul Sartre com a célebre obra *A náusea* (1938) em que o personagem principal necessita potencializar a consciência a partir do abalo sofrido.

Inspirada pelo texto *Construindo uma comunidade de aprendizado*, de bell hooks (2013), ousou dizer que dentre as escritoras negras brasileiras existe uma espécie de cooperativa, em que umas às outras vão se resgatando, enquanto leitoras ou intelectuais é fato suas vozes ecoam experiências pessoais, problematizações e sentimentos. Dessa partilha pública vem a compreensão de que aquilo que se pensava ser individual é, na verdade, um fenômeno geral. Ou seja, o que se julga ser um problema pessoal, tem uma causa social e uma solução política.

Dessa maneira a literatura ajuda essas autoras a refletirem sobre os efeitos das opressões de uma maneira mais prática e forjada na realidade empreendida por elas e dessa maneira engendram as coisas em um contexto feminista. Pensando em Carolina Maria de Jesus e Conceição Evaristo, autoras e personagens de suas narrativas periféricas, experimentamos um esforço poético político em superar a alienação imposta por ambientes sexistas e machistas, a fim de resgatar a si mesmo e partir de si renovar o coletivo.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

*“É tempo de falarmos sobre nós mesmos.”*

*Beatriz Nascimento*

Numa visão essencialista, escrever como uma mulher negra pode não fornecer nenhum caráter revolucionário como o que intencionei colocar com esta pesquisa. Se a

Literatura não pudesse oferecer nada mais além de prazer ou distração, talvez sim, os apontamentos subjetivos das escritoras aqui estudadas não teriam relevância. No entanto, é justamente por oferecer-se como ferramenta socioeducativa e de formação humanística que a Literatura é, também, tema do presente estudo.

De tal maneira que, ao pensar a participação das mulheres negras na literatura negro brasileira, é necessário refletir sobre o passado colonial que estruturou profundas desigualdades e raízes discriminatórias na sociedade brasileira em diversos níveis, repercutindo diretamente no interior da estrutura cultural. Assim, a literatura é um dos meios pelos quais pode ser proposto um posicionamento antissistêmico na busca por uma desmistificação de uma História única.

Após os apontamentos dessa pesquisa, é lícito inferir que Carolina Maria de Jesus, embora distante da formação acadêmica, foi capaz de criar planos narrativos de enfrentamento. Esses planos narrativos nascem de sua intelectualidade orgânica, ou seja, de sua razão e talento natos. E ainda que hoje haja muitos estudos sobre sua obra a partir de temáticas teóricas e intelectuais, muitas das vezes não se apontam sua própria intelectualidade e pioneirismo.

De modo quase contrário ocorre com Conceição Evaristo, de modo que seu reconhecimento se institui pela sua intelectualidade e importância pela representatividade nos lugares ocupados por sua obra. Todavia, sua produção literária é, com certa frequência, ignorada no que diz respeito aos aspectos socialmente formativos e transformadores. Algo que não impediu a escritora mineira se tornar uma matriz no estilo de escrita ao propor a *escrevivência*.

A militância feminista negra se distinguiu das bandeiras que impulsionaram o chamado do movimento feminista brasileiro, pois para elas seriam outros obstáculos a superar, em oposição a mentalidade de muitas mulheres brancas para as quais o modelo de feminilidade estava relacionado à brancura e à pureza, as quais não contemplavam as mulheres negras que têm que se desvencilhar de uma variedade de estigmas que correlacionam a cor e a trajetória histórica (ALVES, 2010, p. 61).

Nesse sentido, explorando a trajetória de Carolina e Conceição ao aproximar suas contribuições para a teoria literária, social e feminista, cabe provocar o pensamento: a evidente diferença que se apresenta entre ambas as escritoras, que é a formação acadêmica, também as aproxima no real sentido da *escrevivência*, vocábulo criado por uma e intensamente vivido por outra.



Trajetórias essas que também remontam um pensamento sobre a essencialidade do próprio feminismo que, enquanto esvaziado e excessivamente debatido nas universidades, quase sempre permanece apenas teorizado. Aqui, este conceito é também vivenciado, como subterfúgio por mulheres como Carolina Maria de Jesus, que desejam exercer integralmente o pleno direito de existir como “aquilo” que realmente é. Tanto que o feminismo não seria exatamente uma escolha, mas sim outra ferramenta para sobreviver.

É necessário destacar o espaço nos quais as narrativas aqui estudadas foram construídas. Nos textos de Carolina Maria de Jesus é possível observar o desconforto vivido em espaços hostis, tanto nos lugares onde morava quanto nos lugares que frequentava em busca da chance de ser publicada, por ser um corpo insubmisso, disposto a ocupar lugares não destinados ao seu perfil social.

Quando Conceição Evaristo escreve *Becos da memória* (2006), ela pretende resgatar pessoas reais e inscrevê-las dentro de uma lógica que as excluiu, a da cidade em desenvolvimento urbano. Munida de elementos autobiográficos e depositária da vivência dos seus, sua escrita constitui-se como espaço de luta e empoderamento.

Dentro do fazer literário, o periférico é o modelo de representação que propõe significar o mundo e reconstruir identidades. A prática literária é articulada à experiência do espaço, o que torna a produção destas mulheres, além de um repertório de novas técnicas literárias, ferramenta de entendimento e organização social. É um gesto político no qual as mulheres negras são as protagonistas dentro e fora das narrativas.

A história da literatura negro brasileira ainda tem muito que ser lida, estudada e entendida. É preciso atentar para os novos atores sociais e novas escritoras que vem declarando suas inspirações em Carolina e Conceição, empreendendo aceitação e autorrepresentação, sabedoras de que não se pode marcar o seu próprio passo pelo passo de outro. Sabedoras enfim, de que não há uma única história a ser contada.

Dessa maneira, foi possível através desta pesquisa abordar, de forma crítica e investigativa, a manifestação dos ideais de Carolina Maria de Jesus em sua sucessora Conceição Evaristo, comparando *Quarto de despejo* (1960) e *Becos da memória* (2013). Assim, foi explorando o antagonismo e a representatividade das personagens das duas obras, bem como das duas autoras, e identificando as relações sociais do espaço periférico na literatura feminina negra brasileira, que foi possível demonstrar em que medida a escrita funciona, para estas autoras, como um instrumento de reinvenção e transformação histórico-social na contemporaneidade.

O cumprimento dos objetivos iniciais deste estudo foi possível mediante o aporte teórico de cientistas sociais e teóricas feministas priorizadas anteriormente, das quais em função das investigações decorrentes das problemáticas apresentadas foi viável entender como as autoras negras utilizam-se do ato da escrita para desencadear um processo descontínuo de quebra de paradigmas e estereótipos que existem socioeconômico e culturalmente sobre o corpo da mulher negra.

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

### **Referências Citadas**

ADICHE, Chimamanda Ngozi. *O Perigo de uma história única*. Tradução de Júlia Romeu. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

AKONTIRENE, Karla. *Interseccionalidade*. 1. ed. Belo Horizonte: Letramento, 2018.

- ALMEIDA, Silvio. *O que é racismo estrutural?*. 1. ed. Belo Horizonte: Letramento, 2018.
- ARRAES, Jarid. Feminismo negro: sobre minorias dentro da minoria. In: *Revista Fórum*.135, 2014. Disponível:< <https://www.revistaforum.com.br>. >Acesso em 10/05/2018.
- ARRUZZA, Cinzia. Funcionalista, determinista e reducionista: o feminismo da reprodução social e seus críticos. <Disponível em: <https://www.ifch.unicamp.br/ojs/index.php/cemarx/article/view/2937> > Acesso em 07 março de 2019.
- ARRUZZA, Cinzia; BHATTACHARYA, Tithi; FRASER, Nancy. *Feminismo para os 99%: um manifesto*. Tradução de Heci Regina Candiani. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2019.
- BARTHES, Roland. *Aula: aula inaugural da cadeira de semiologia literária do Barthes*. Tradução e posfácio de Leyla Perrone-Moises. São Paulo: Cultrix, 2013.
- BERTH, Joice. *O que é empoderamento?*. Belo Horizonte: Letramento, 2018.
- BEAUVOIR, Simone de. *O segundo Sexo: fatos e mitos*. 3. ed. Tradução Sérgio Millet. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016.
- BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre a literatura e história da cultura*. 6. ed. São Paulo: Brasiliense, 1993. (Obras Escolhidas, nº 1).
- BHABHA, Homi. *O local da cultura*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.
- \_\_\_\_\_. *O direito de narrar*. Harvard Design Magazine, Cambridge Summer, nº 38, 2014.
- BORGES, Rosane. *Esboços de um tempo presente*. Rio de Janeiro: Editora Malê, 2016.
- BUENO, Winnie. *Imagens de Controle: um conceito do pensamento de Patrícia Hill Collins*. 1. ed. Porto Alegre, RS: Zouk, 2020.
- BUTLER, Judith. *Problemas de Gênero: Feminismo e subversão da identidade*. Tradução de Renato Aguiar. 15. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017.
- CANDIDO, Antônio. A Revolução de 30 e a cultura. In: *Revista Novos Estudos*, v.2,4, p.27, abril 84, São Paulo-SP.
- \_\_\_\_\_. *Direito a literatura*. In: CANDIDO, Antônio. *Vários Escritos*. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 1988.
- CARNEIRO, Sueli. *Escritos de uma vida*. Belo Horizonte: Letramento, 2018.
- COLLINS, Patrícia Hill. *Pensamento feminista Negro*. Tradução de Jamille Pinheiro Dias. São Paulo: Boitempo, 2019.

DAVIS, Angela. *Mulheres, Raça e Classe*. 1. ed. Tradução de Heci Regina Candiani. São Paulo: Boitempo, 2016.

DUARTE, Constância L. Feminismo: uma história a ser contada. In: HOLLANDA, Heloísa Buarque de (Org.). *Pensamento Feminista Brasileiro: Formação e Contexto*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019. 400 p.

EVARISTO, Conceição. *Becos da Memória*. 2. ed. Florianópolis: Mulheres, 2013.

\_\_\_\_\_. Conceição Evaristo por Conceição Evaristo. Disponível em: <http://nossaescrivencia.blogspot.com.br/2012/08/conceicao-evaristo-por-conceicao.html>. Acesso em: 7 de março 2019.

\_\_\_\_\_. Da representação a autorrepresentação da mulher negra na literatura brasileira. In: *Revista Palmares: Cultura Afro-brasileira*, ano 1, n. 1, ago.2005, p. 52-57. Disponível em: <http://www.palmares.gov.br>.

EVARISTO, Conceição. Da grafia-desenho de minha mãe, um dos lugares de nascimento de minha escrita. In: ALEXANDRE, Marcos Antônio (Org.). *Representações Performáticas brasileiras: teorias, práticas e suas interfaces*. Belo Horizonte: Mazza, 2007. p. 16-21.

FARIAS, Tom. *Carolina: uma biografia*. 1. ed. Rio de Janeiro: Malê, 2017.

FERNANDEZ, Raffaella. *A poética de resíduos de Carolina Maria de Jesus*. 1. ed. Brasília: Edições Carolina, 2018.

FIGUEIREDO, Fernanda Rodrigues de. *A mulher negra nos Cadernos Negros: autoria e representações*. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, FALE, Universidade Federal de Minas Gerais. Minas Gerais, 2009.

GELEDES. Sojourner Truth. Disponível em: <<https://goo.gl/1e-QobC>> Acesso em: 12 março 2019.

HOOKS, bell. *Teoria feminista: da margem ao centro*. Tradução Rainer Patriota. São Paulo: Perspectiva, 2019.

\_\_\_\_\_. *Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade*. São Paulo Martins Fontes, 2013.

\_\_\_\_\_. *O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras*. 1. ed. Tradução Ana Luiza Libânio. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2018.

\_\_\_\_\_. *Erguer a voz: pensar como feminista, pensar como negra*. Tradução de Cátia Bocaiuva Maringolo. São Paulo: Elefante, 2019.

\_\_\_\_\_. *Olhares Negros: raça e representação*. Tradução de Stephanie Borges. São Paulo: Elefante, 2019.

GONCALEZ, Lélia de Almeida. Insurreições negras e sociedade brasileira. Recife. In: *Os afro-brasileiros*. coord. Roberto Motta. Fundação Joaquim Nabuco/ Editora Massangana, 1985, p.43-44.

JESUS, Carolina Maria de. *Casa de Alvenaria: diário de uma ex-favelada*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1961.

\_\_\_\_\_. *Diário de Bitita*. São Paulo: SESI-SP Edições, 2014.

\_\_\_\_\_. *Quarto de Despejo: O diário de uma favelada*. 9. ed. São Paulo: Editora Ática, 2007.

KILOMBA, Grada. *Memórias da Plantação: episódios de racismo cotidiano*. Tradução de Jess Oliveira. 1. ed. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

LEJEUNE, Philippe. *O pacto autobiográfico: de Rousseau à internet*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

MCCANN, Hannah et.al. *O livro do feminismo*. Tradução Ana Rodrigues. Rio de Janeiro: Globo Livros, 2019: (As grandes ideias de todos os tempos).

MBEMBE, Achille. *Crítica da Razão Negra*. Tradução de Marta Lança. Lisboa: Antígona, 2014.

MOREIRA, Núbia Regina. *O Feminismo Negro Brasileiro: um estudo do Movimento de Mulheres Negras no Rio de Janeiro e São Paulo* (Dissertação de Mestrado, IFCH/UNICAMP, 2007).

NASCIMENTO, Beatriz. O conceito de quilombo e a resistência afro-brasileira. In: Nascimento, Elisa Larkin (Org.). *Cultura em movimento: matrizes africanas e ativismo negro no Brasil*. São Paulo: Selo Negro, 2008. p. 71 -91.

ORTIZ, Renato. *Cultura Brasileira e Identidade Nacional*. São Paulo: Brasiliense, 5ª Ed., 9º reimpressão 2006.

PERPETUA, Elzira Divina. Quarto de despejo no Brasil. In: *A vida escrita de Carolina Maria de Jesus*. Belo Horizonte: Nadyala, 2014.

PIEIDADE, Vilma. *Dororidade*. São Paulo: Editora Nós, 2017.

REIS, Maria Firmina dos. *Úrsula: romance; A escrava: conto*. 6. ed. Belo Horizonte: Editora PUC Minas, 2017.

RIBEIRO, Djamila. *O que é lugar de fala?* Belo Horizonte: Letramento, 2017. 112 p.

SANTANA, Bianca. *Quando me descobri negra*. 1. Ed. São Paulo: editora SESI-SP, 2015.

SANTOS, Miriam Cristina. *Prosa Negro-Brasileira Contemporânea*. 1. ed. Rio de Janeiro: Editora Malê, 2018.

SEMANA de Arte Moderna (1922: São Paulo, SP). In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras. São Paulo: Itaú Cultural, 2019. Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/evento84382/semana-de-arte-moderna-1922-sao-paulo-sp>>. Acesso em: 04 de março 2019. Verbetes da Enciclopédia. ISBN: 978-85-7979-060-7

SILVA, Luiz. *Literatura negro-brasileira*. Cuti - São Paulo: Selo Negro, 2010.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. *Brasil: uma biografia*. 1ed. São Paulo: Companhia da Letras, 2015.

SOUZA, Eneida Maria de. *Janelas indiscretas: ensaios de crítica biográfica*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.

SOUZA, Neuza Santos. *Tornar-se negro: as vicissitudes da identidade negro brasileiro em ascensão social*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1983.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. *Pode o subalterno falar?*. 2. ed. Belo Horizonte: UFMG, 2014.

TIBURI, Márcia. *Feminismo para todas, todes e todos*. 1. ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2018.

WOLF, Virginia. *Um teto todo seu*. Tradução: Bia Nunes de Sousa. 1. ed. São Paulo: Tordesilhas, 2014.

## **Referências consultadas**

ALVES, Miriam. *Brasil Afro autorrevelado: Literatura Brasileira contemporânea*. Belo Horizonte: Nadyala, 2010.

ARRUDA, Aline Alves; BARROCA, Iara Christina Silva; TOLENTINO, Luana et al.(orgs) *Memorialismo e Resistência: Estudos sobre Carolina Maria de Jesus*. Jundá, Paco Editorial:2016.

ARISTÓTELES. *O homem, animal político por natureza*. In: ESTEVAM, Mariana. *Literatura e Política, de ontem e de hoje, vínculos e fronteiras movediças entre dimensão literária e esfera política*. ALESP, 2011.

AZEVEDO, Aluísio. *O cortiço*. Porto Alegre: L&PM Pocket, 2014. 266 p.v. 103.

BOSI, Alfredo. *História Concisa da literatura brasileira*. 51. ed. São Paulo: Cultrix, 2017.

BOSI, Alfredo. *Dialética da Colonização*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

- BRITO, Mario da Silva. *Antecedentes da semana da arte moderna*. 2ªed. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1964.
- CARDOSO, Claudia Pons. Amefricanizando o feminismo: o pensamento de Lélia Gonzalez. *Revista de estudos Feministas*. vol. 22, n. 3. Florianópolis, Set./Dez. 2014. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-026X2014000300015>.
- CANDIDO, Antônio.
- CARNEIRO, Sueli. *Racismo, sexismo e desigualdade no Brasil*. São Paulo. Selo Negro, 2014.
- CARNEIRO, Aparecida Sueli; FISCHMANN, Roseli. *A construção do outro como não-ser como fundamento do ser*. 2005. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.
- CASTRO, Eliana de Moura. MACHADO, Marília Novais de Mata. *Muito bem Carolina!* Belo Horizonte: Editora C/Arte, 2007.
- DALCASTAGNÈ, Regina. Para não ser trapo no mundo: As mulheres negras e a cidade na narrativa brasileira contemporânea. In: *Estudos de literatura brasileira Contemporânea*, Brasília, n. 44, jul. /dez. 2014, p. 289-302.
- DALCASTAGNÉ, Regina, et al. Espaço e gênero na literatura brasileira contemporânea. Porto Alegre: Zouk, 2015. (Estudos de literatura Contemporânea)
- EVARISTO, Conceição. *Escrevivências da afro-brasilidade: história e memória*. Releitura, Belo Horizonte, n. 23, 2008.
- FANON, Frantz. *Pele Negra. Máscaras Brancas*. Renato da Silveira (Trad.). Editora: EDUFBA, 2008.
- FREYRE, Gilberto. *Casa Grande e Senzala*. 51. ed. São Paulo: Global, 2006.
- Gonzalez, Lélia. *Lélia Gonzalez: primavera para as rosas negras*. São Paulo: UCPA Editora, 2018.
- HALL, Stuart. Que negro é esse na cultura negra?. In: *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: UFMG, 2003, p. 335-349.
- HOOKS, bell. Intelectuais negras. In: *Estudos Feministas*, n. 2, p. 464-78, jul./dez., 1995.
- RIBEIRO, Djamila. *Quem tem medo do feminismo negro?* 1ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.
- SOBRAL, Cristiane. *Não vou mais lavar os pratos*. Brasília: OI POEMA, 2010.
- \_\_\_\_\_. “Literatura de autoria feminina.” In: BONNICI, Thomas; ZOLIN, Lúcia Osama. (orgs). *Teoria Literária: abordagens históricas e tendências Contemporâneas*. Maringá: Eduem, 2009. p. 327-336.

- SPIVAK, G. C. Quem reivindica alteridade? In: HOLLANDA, Heloisa Buarque. (Org.). *Tendências e impasses: o feminismo como crítica da cultura*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994. p.187-205.
- OLIVEIRA, Dennis. Abolição inacabada: o projeto das classes dominantes brasileiras. Revista Fórum. 13 de maio de 2015. Disponível em: < <http://www.revistaforum.com.br/quilombo/2015/05/13/abolicao-inacabada-o-projetodas-classes-dominantes-brasileiras/>> Acesso em: 14 de agosto 2020.
- MONTEIRO, Liliane Nogueira. A representação da mulher negra na literatura brasileira. VIII Colóquio Internacional “As Amazônias, as Áfricas e as Áfrias na Pan Amazônia. Rio Branco. Universidade Federal do Acre, 2016. Disponível em: <https://periodicos.ufac.br/index.php/simposioufac/article/view/1010/592>. Acesso em: 28/06/2020.
- NASCIMENTO Beatriz. O conceito de quilombo e a resistência cultural negra. In: RATTS, Alex. *Eu sou atlântica: sobre a trajetória de vida de Beatriz Nascimento*. São Paulo: Instituto Kuanza; Imprensa Oficial, 2006b. p. 117-127.
- SANTOS, Mirian Cristina dos. Problematizando o espaço privado em Becos da Memória, de Conceição Evaristo. Revista Todas as Musas. Ano 7, n. 2, jan/Jul. 2016. Disponível em: [https://www.todasasmusas.com.br/14Mirian\\_Cristina](https://www.todasasmusas.com.br/14Mirian_Cristina). Acesso em 13/09/2020.
- FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. 12. ed. São Paulo: Loyola, 2005.
- SANTOS, Gislene Aparecida dos. *Mulher negra, homem branco*. Rio de Janeiro: Pallas, 2004.
- MUNANGA, Kabengele. Origem e histórico do quilombo na África. Revista USP, nº 28: 56-63, São Paulo, dez./fev. de 1995/1996. Disponível em: <http://www.usp.br/revistausp/28/04-kabe.pdf>. Acesso em: 21 de agosto 2020.